



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS JOSÉ RIBEIRO FILHO
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

FERNANDA SILVEIRA PEREIRA DA SILVA

DICIONÁRIOS DE LIBRAS E SEU FUNCIONAMENTO COMO
INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS

PORTO VELHO

2023

FERNANDA SILVEIRA PEREIRA DA SILVA

**DICIONÁRIOS DE LIBRAS E SEU FUNCIONAMENTO COMO
INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Acadêmico em Letras, Núcleo de Ciências Humanas, da Fundação Universidade Federal de Rondônia, Campus José Ribeiro Filho.

Orientador: Prof. Dr. Élcio Aloisio Fragoso.

Linha de Pesquisa: Estudos descritivos e aplicados de Línguas e Linguagens.

PORTO VELHO

2023

Catálogo da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

S586d Silva, Fernanda Silveira Pereira da.
Dicionários de Libras e seu funcionamento como instrumentos linguísticos / Fernanda
Silveira Pereira da Silva. - Porto Velho, 2023.

86f.: il.

Prof. Dr. Élcio Aloisio Fragoso.

Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras.
Núcleo de Ciências Humanas. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. História das ideias linguísticas. 2. Análise de discurso. 3. Gramatização. 4. Dicionário.
5. Língua Brasileira de Sinais. I. Fragoso, Élcio Aloisio. II. Título.

Biblioteca Central

CDU 81'221.4(038)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

FERNANDA SILVEIRA PEREIRA DA SILVA

DICIONÁRIOS DE LIBRAS E SEU FUNCIONAMENTO COMO INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS

Dissertação apresentada em 05 de dezembro de 2023 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Élcio Aloisio Fragoso, Presidente da Banca e Orientador (UNIR);

Professora Dra. Lucimara Alves da Conceição Costa, Membro Interna (UNIR);

Professora Dra. Carolina María Rodríguez Zuccolillo, Membro Externa (UNICAMP);

Professor Dr. José Horta Nunes, Membro Externo (UNICAMP)



Documento assinado eletronicamente por **ELCIO ALOISIO FRAGOSO, Coordenador(a)**, em 06/12/2023, às 22:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUCIMARA ALVES DA CONCEICAO COSTA, Docente**, em 07/12/2023, às 10:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Horta Nunes, Usuário Externo**, em 07/12/2023, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carolina María Rodriguez Zuccolillo, Usuário Externo**, em 15/12/2023, às 13:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1563255** e o código CRC **4008EC6F**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha gratidão a Deus por conceder-me saúde e determinação para avançar sem desanimar. Agradeço também pelas oportunidades que tenho recebido, tanto na minha jornada acadêmica quanto na minha carreira profissional, e pelas pessoas que têm cruzado meu caminho, contribuindo de forma significativa para o meu crescimento.

À minha família, que sempre acreditou em mim e me deu forças para nunca desistir dos meus propósitos, expresso minha profunda gratidão. Em especial, agradeço à minha querida mãe, Neusa, e ao meu amado irmão, Gleiton, por estarem sempre presentes, ajudando em tudo. Amo vocês demais e sou grato por toda a paciência e apoio que me oferecem. Não posso deixar de agradecer também ao meu namorado, Fernando, pelo constante apoio. Você me inspira de inúmeras maneiras a ser uma profissional melhor e mais dedicada. Obrigada por estar ao meu lado, amo você.

Aos meus amigos queridos, que sempre me incentivam a ir além, quero expressar minha sincera gratidão. Em especial, gostaria de agradecer à Luciana. Amiga, você sempre me motivou a perseverar nos estudos, mesmo ciente das minhas dificuldades. Hoje, estou aqui porque você me acompanhou desde a matrícula como aluna especial deste Programa até o processo seletivo efetivo, sempre torcendo por mim e enfrentando desafios ao meu lado quando necessário. Sua amizade é verdadeiramente especial, Luciana.

Desejo expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, Dr. Élcio Fragoso, por todo o aprendizado e paciência dedicados a mim ao longo desta jornada desafiadora. Não foi fácil, mas o senhor esteve sempre presente para me guiar. Admiro profundamente sua dedicação à pesquisa e à Análise de Discurso. Gostaria que soubesse que desejo seguir seus passos, tornar-me um pesquisador que vive a pesquisa tão intensamente quanto o senhor. Espero que um dia o senhor sinta ao menos uma fração do orgulho que sinto por tê-lo como orientador hoje.

Não posso deixar de expressar minha imensa gratidão ao nosso grupo de pesquisa, GPeCHeLi, por todo o conhecimento que compartilhamos. Sinto-me incrivelmente acolhida por todos vocês, mas gostaria de fazer um agradecimento especial ao André e ao Diego. Vocês são pessoas maravilhosas que levo no meu

coração para sempre. Obrigada por todo apoio, carinho, amor, paciência e consolo nos momentos difíceis. Sou profundamente grata por nunca terem soltado minha mão.

Expresso minha imensa gratidão à banca avaliadora, composta pelos renomados professores Dr. José Horta Nunes, Dra. Carolina Rodríguez e Dra. Lucimara Alves da Conceição Costa, que são referências nos estudos discursivos e lexicográficos. Agradeço sinceramente pelas valiosas contribuições tanto na Qualificação quanto na Defesa. É uma honra tê-los presentes neste momento crucial do meu projeto de pesquisa, que está apenas começando. Espero poder continuar contando com seus preciosos ensinamentos. Muito obrigada.

Também gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos os docentes do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras (PPGML) e ao Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas (DALV) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Agradeço profundamente pela oportunidade de cursar este mestrado e por todo o conhecimento que adquiri ao longo do caminho.

Por fim, mas não menos importante, quero estender meu imenso agradecimento ao Departamento de Libras (DLibras) da UNIR. Meu agradecimento se estende a todos os professores, técnicos, acadêmicos e, principalmente, à equipe de Intérpretes e Tradutores de Libras, da qual faço parte com muito orgulho. Não consigo expressar minha gratidão apenas a uma pessoa, pois todos vocês estiveram ao meu lado durante esta jornada, oferecendo-me apoio e força inestimáveis. Obrigada mil vezes.

“As mãos rompem o silêncio e fazem a comunicação de quem não ouve, mas vê, sente e se emociona”.
(autor desconhecido)

SILVA, Fernanda Silveira Pereira da. **Dicionários de Libras e seu funcionamento como instrumentos linguísticos**. 2023. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras, Núcleo de Ciências Humanas, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2023.

RESUMO

Com base nos estudos desenvolvidos por Sylvain Auroux em seu livro “A revolução tecnológica da gramatização” de 1992, a gramatização de uma língua é “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Quando pensamos na construção de uma gramática e/ou um dicionário, imediatamente atribuímos a questão do ensino, porém não é desta perspectiva que trataremos esses instrumentos neste trabalho, mas sim “do funcionamento deles na relação do sujeito com a sociedade na história” (Orlandi, 2001). Ainda são poucos os estudos sobre o processo de gramatização da Língua Brasileira de Sinais – Libras, então julgamos ser importante estarmos atentos a este movimento. Novos instrumentos linguísticos estão sendo constituídos, produzindo conhecimentos sobre essa língua. Portanto, nosso objetivo é compreender o funcionamento desses instrumentos linguísticos, em especificamente os dicionários. Nossas análises se baseiam sob o arcabouço teórico da História das Ideias Linguísticas em articulação com a Análise de Discurso Materialista, em particular nos autores Sylvain Auroux, Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Nosso recorte parte de quatro dicionários, dois impressos e dois online, publicados no período de 2010 a 2020. Nossas análises nos possibilitam dizer que mesmo que o dicionário seja intitulado como *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais*, há uma dominância da Língua Portuguesa escrita sobre a Libras, considerando que a maior parte das informações contidas nele, foi organizada partindo do conhecimento linguístico sobre a Língua Portuguesa. Essa é a “regra”, por assim dizer, na gramatização inicial das línguas, operada por transferência do conhecimento produzido sobre outra língua. Por exemplo, é a partir do conhecimento sobre o latim que foram feitas as gramáticas das línguas europeias e demais línguas do mundo no Renascimento. Temos, portanto, poucas informações linguísticas sobre a Libras nos instrumentos analisados.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas. Análise de Discurso. Gramatização. Dicionário. Língua Brasileira de Sinais.

SILVA, Fernanda Silveira Pereira da. **Libras Dictionaries and Their Functioning as Linguistic Instruments**. 2023. 86 p. Dissertation (Master's in Literature) – Graduate Program in Academic Master's in Literature, Center for Human Sciences, Federal University of Rondônia, Porto Velho, 2023.

ABSTRACT

Based on the studies developed by Sylvain Auroux in his book "The Technological Revolution of Grammatization" from 1992, the grammatization of a language is "the process that leads to describing and instrumenting a language based on two technologies, which are still today the pillars of our metalinguistic knowledge: grammar and the dictionary." When we think about constructing a grammar and/or a dictionary, we immediately attribute the issue to education, but it is not from this perspective that we will address these instruments in this work, but rather "their functioning in the relation of the subject with society in history" (Orlandi, 2001). There are still few studies on the process of grammatization of Brazilian Sign Language – Libras, so we judge it important to be attentive to this movement. New linguistic instruments are being constituted, producing knowledge about this language. Therefore, our objective is to understand the functioning of these linguistic instruments, specifically dictionaries. Our analyses are based on the theoretical framework of the History of Linguistic Ideas in conjunction with Materialist Discourse Analysis, particularly with authors Sylvain Auroux, Michel Pêcheux, and Eni Orlandi. Our analysis stems from four dictionaries, two printed and two online, published from 2010 to 2020. Our analyses allow us to say that even though the dictionary is titled as the Dictionary of Brazilian Sign Language, there is a dominance of written Portuguese over Libras, considering that most of the information contained in it was organized based on linguistic knowledge about Portuguese. This is the "rule," so to speak, in the initial grammatization of languages, operated by the transfer of knowledge produced about another language. For example, it is from knowledge about Latin that the grammars of European languages and other languages of the world were made in the Renaissance. We therefore have limited linguistic information about Libras in the analyzed instruments.

Keywords: History of Linguistic Ideas. Discourse Analysis. Grammatization. Dictionary. Brazilian Sign Language.

LISTA DE SIGLAS

AD – Análise de Discurso

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEAD – Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância

CM – Configuração de mão

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ENM – Expressões não manuais

HIL – História das Ideias Linguísticas

IEL – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Libras – Língua Brasileira de Sinais

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNAS – Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tela do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais de Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011) ao selecionar a letra M na ordem alfabética.....	42
Figura 2 – Tela com 73 configurações de mão do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011) ao selecionar a opção de busca por mão no sistema de ordem	43
Figura 3 - Tela inicial do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).	45
Figura 4 - Primeira parte do vídeo de apresentação do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).....	46
Figura 5 – Segunda parte do vídeo de apresentação do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).....	46
Figura 6 – Orientação de como contribuir com o Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).....	48
Figura 7 – Interface do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017), com destaque para a aba Sinalário. .	50
Figura 8 – Interface do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017), com destaque para a aba Tema.	51
Figura 9 – Interface do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017), com destaque para a aba Configuração de mão.	51
Figura 10 – Interface do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017), com destaque para a aba Configuração de mão.	52
Figura 11 – Interface do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017), quando selecionado a primeira configuração de mão.....	53
Figura 12 – Ilustração da capa do Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais, de Flávia Brandão (2011).....	54
Figura 13 – Ilustração do conceito de Libras presente no Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais, de Flávia Brandão (2011).	56

Figura 14 – Ilustração do prefácio do Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais, de Flávia Brandão (2011).....	57
Figura 15 – Capa dos três volumes do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos, de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins (2017)....	60
Figura 16 – Tela do verbete MANDAMENTOS presente no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011).....	64
Figura 17 – Tela do verbete MANDAR presente no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011).	65
Figura 18 – Tela do verbete MANDAR no Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).	68
Figura 19 – Verbetes MANDADO e MANDAR presentes no Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais, de Flávia Brandão (2011).	69
Figura 20 – Verbetes MANDAMENTOS, MANDAR e MANDAR-ME presentes no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos, de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins (2017).	71
Figura 21 – Tela do verbete ME AVISAR no Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).....	74
Figura 22 – Ilustração do verbo AVISAR em Libras no livro Libras em Contexto de Tanya Amara Felipe e Myrna Sarleno Monteiro (2007).	75
Figura 23 – Tela do verbete AVISAR no Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).	76
Figura 24 – Verbetes AVISADO e AVISAR no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais, da Flávia Brandão (2011).	77
Figura 25 – Verbetes AVISAR e AVISAR-ME no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos, de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins (2017)....	78
Figura 26 – Tela do verbete MANDAR presente no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011).	79

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
1 NOSSO DISPOSITIVO TEÓRICO	18
1.1 O PROCESSO DE GRAMATIZAÇÃO E A LIBRAS.....	18
1.2 INTRODUÇÃO DA HIL NO BRASIL	21
1.3 A ARTICULAÇÃO ENTRE AD-HIL	27
1.4 OS INSTRUMENTOS LINGÜÍSTICOS NA PERSPECTIVA DA HIL.....	32
2 NOSSO DISPOSITIVO ANALÍTICO	39
2.1 O DICIONÁRIO COMO INSTRUMENTO LINGÜÍSTICO	39
2.2 OS DICIONÁRIOS ANALISADOS	41
2.2.1 Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011)	42
2.2.2 Dicionário de Libras (2017)	44
2.2.3 Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais (2011)	54
2.2.4 Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – a Libras em suas mãos (2017)	59
2.3 ANÁLISES DOS VERBETES.....	63
2.3.1 Verbetes MANDADO, MANDAMENTOS, MANDAR e MANDAR-ME	63
2.3.2 Verbetes AVISADO, AVISAR, AVISAR-ME e ME AVISAR	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	83

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história das ideias linguísticas no Brasil teve início por meio de uma colaboração entre a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade Paris VII, na França. Em Campinas, um grupo coordenado por Eni Orlandi, no interior de um projeto denominado “Discurso, Significação Brasilidade”, iniciado em 1987, já estudava os discursos sobre a língua no Brasil, considerando diversos materiais, dentre os quais relatos de viajantes e missionários, gramáticas e outros artefatos elaborados pelos missionários, e materiais de outra natureza concernentes a outras épocas. Com a cooperação entre a equipe brasileira e a equipe francesa, coordenada por Sylvain Auroux, teve início o Projeto de história das ideias Linguísticas no Brasil.

As pesquisas a respeito da Língua Brasileira de Sinais (Libras) têm crescido nos últimos anos principalmente após o seu reconhecimento como sistema linguístico de natureza visual-motora oriunda de comunidades de pessoas surdas do Brasil pela Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002. A partir disto, políticas veem sendo implementadas, como a inserção da Libras como disciplina na Educação Superior, a criação de Escolas Bilíngues para surdos, a criação de curso de graduação em Letras Libras, a legalização da profissão de tradutor e intérprete de Libras entre outras. Em função desse cenário, as pesquisas desenvolvidas sobre a Libras tratam dos seus aspectos linguísticos, da escrita de sinais, de questões relativas à tradução e interpretação entre a Libras e o Português, da Cultura e Identidade Surda, da educação bilíngue para surdos, entre outros.

No entanto ainda são poucas as pesquisas que tratam a Libras sob o olhar da História das Ideias Linguísticas (HIL), como os estudos realizados por Silva (2012), Baalbaki (2014, 2023), Jesus e Faria (2017), Prates (2020), Costa (2021), Mariani *et al.* (2021) e outros. São pesquisas que visam estudar a história de constituição da Libras em sua articulação com a história do conhecimento produzido sobre ela e a política de Estado que se conjuga a esta articulação. Os estudos norteados pela História das Ideias Linguísticas se propõem a refletir sobre o conhecimento linguístico de uma forma peculiar, na qual:

[...] se inscreve nas chamadas novas práticas de leitura, propostas pela análise de discurso francesa e que trabalham de maneira característica a construção de arquivos, ou seja, a leitura da história, sua interpretação. [...] O que praticamos, então, são novos gestos de leitura, percorrendo os caminhos dos sentidos. Em nosso caso, os sentidos que sustentam a produção de um conhecimento linguístico que se foi produzido junto à nossa língua (Orlandi, 2001, p. 07).

A Análise de Discurso (AD) instituída por Michel Pêcheux em 1969, pode ajudar a entender os efeitos dos objetos discursivos na produção de conhecimento ao relacioná-los às suas condições de produção. A AD considera a historicidade dos sujeitos e dos sentidos, e efetua leituras que remetem esses discursos a suas condições de produção, considerando-se a materialidade linguística na qual eles são produzidos e evitando-se tomá-los como documentos transparentes ou simplesmente como antecessores ou precursores da ciência moderna. Dessa forma, a AD pode contribuir para o estudo da história das ideias linguísticas, ao atestar modos específicos de se produzir conhecimento em determinadas conjunturas históricas.

Dito de outra forma, a AD proporciona apoio metodológico que amplia a nossa capacidade de compreender essas reflexões, por permitir relacionar “diferentes ordens de discurso: a do saber ‘sobre’ a língua e a do saber ‘a’ língua”; sob essa perspectiva, tratar das ideias linguísticas “é tratar a questão da língua, da produção de um conhecimento sobre ela, assim como da produção de instrumentos tecnológicos a ela ligados e sua relação com o povo que a fala” (Orlandi, 2013, p.138).

A articulação entre AD e HIL permite ao analista de discurso trabalhar a partir da história das ideias linguísticas, tendo-a como objeto e fim, o que contribui para uma compreensão mais aprofundada das materialidades linguísticas e das condições de produção dos discursos sobre a(s) língua(s). Portanto, a articulação entre AD e HIL permite ao analista de discurso uma abordagem mais complexa e contextualizada das materialidades linguísticas, levando em consideração as condições de produção dos discursos sobre a língua e as diversas camadas de significação presentes nas práticas discursivas relacionadas à linguagem (Costa, 2019).

Tomar as materialidades linguísticas como modos de produção de conhecimento em determinadas conjunturas históricas permite que o analista de discurso compreenda como as concepções linguísticas e ideológicas

atravessam as práticas discursivas e como essas práticas discursivas são afetadas pelas condições históricas e sociais em que são produzidas.

São de interesse da AD e HIL estudos relacionados aos instrumentos linguísticos, que são fundamentais para o processo de gramatização de uma língua tal como descreve Auroux ([1992] 2014), sendo os principais para o autor a gramática e o dicionário. O dicionário geralmente é visto como uma obra de referência ou de consulta, como um dos lugares onde imaginariamente se encontram “todas” as palavras e “todos” os sentidos supostamente corretos, uma vez que tais termos são trazidos por especialistas, autores reconhecidos. Mas partindo da perspectiva discursiva, o dicionário é tomado como “um dos lugares que sustentam as evidências dos sentidos, funcionando como um instrumento de estabilização dos discursos” (Nunes, 2006, p. 11).

A proposta deste trabalho é compreender justamente o funcionamento dos instrumentos linguísticos pertinentes à Libras, em especial, os dicionários. Nossas análises se baseiam no arcabouço teórico da História das Ideias Linguísticas em articulação com a Análise de Discurso Materialista, a partir de autores como Sylvain Auroux, Michel Pêcheux e Eni Orlandi.

Foram escolhidos para este trabalho 4 dicionários, publicados no período de 2010 a 2020, dos quais 2 são online e 2 são impressos: *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais* (2011) de Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza, versão eletrônica 3, disponível gratuitamente nos sites da Acessibilidade Brasil e do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES; *Dicionário de Libras* (2017), do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa; *Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais* (2011), de Flávia Brandão; *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos* (2017), de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins.

Na primeira parte do trabalho, foram discutidos conceitos importantes para a proposta teórica e metodológica da AD e HIL. Foi abordado o processo de gramatização e a Libras; entender como a HIL se iniciou no Brasil, a partir do importante encontro de pesquisadores brasileiros e franceses; como se dá essa articulação da AD e HIL; como os instrumentos linguísticos são vistos dentro dessa perspectiva.

Na segunda parte do trabalho buscamos compreender o dicionário enquanto um instrumento linguístico observando as suas características e partindo das análises realizados dos verbetes: AVISADO, AVISAR, AVISAR-ME, MANDADO, MANDAMENTOS, MANDAR, MANDAR-ME e ME AVISAR.

1 NOSSO DISPOSITIVO TEÓRICO

1.1 O PROCESSO DE GRAMATIZAÇÃO E A LIBRAS

Em seus trabalhos, Sylvain Auroux propõe conceber as gramáticas e dicionários como instrumentos linguísticos, base do processo de gramatização de uma língua. Para este autor, a gramatização se define, então, como “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (Auroux, [1992] 2014, p. 65). O marco histórico do processo de gramatização das línguas do mundo deu-se no Renascimento, em que houve “uma imensa transformação na relação das línguas, ou melhor, uma revolução tecnológica que operou tanto uma produção maciça de línguas neolatinas quanto à descrição das línguas no novo mundo” (Baalbaki, 2014, p. 86).

A gramatização esteve associada ao advento de invenções como a imprensa no século XV, permitindo a multiplicação de um mesmo texto e separando a produção intelectual da reprodução do texto. A partir desse momento, as novas condições de produção de obras criaram um cenário na sociedade, pois os livros passaram a ser produzidos em série e não mais copiados à mão.

De acordo com Auroux ([1992] 2014, p. 75), a gramatização começa com a manifestação do primeiro saber metalinguístico de uma língua dada, que, precisa ser “a primeira margem significativa de uma série que se prolonga sem muita solução de continuidade até a redação de gramáticas e dicionários”. O autor segue explicitando que a gramatização não tem fim, por ser um processo difícil de definir até que ponto pode chegar. Contudo, é possível dizer que uma língua é gramatizada “quando podemos falá-la (ou lê-la), em outras palavras, aprendê-la (em um sentido suficientemente restrito), com a ajuda apenas dos instrumentos linguísticos disponíveis” (Auroux, [1992] 2014, p. 76).

É importante pontuar que o processo de gramatização das línguas “também cumpre um papel de manutenção e preservação, tendo em vista que as línguas orais acabam se perdendo na ausência de instrumentos linguísticos

que assegurariam sua patrimonialização” (Petri, 2012, p. 28). Esse cenário pode ocorrer com as línguas minoritárias, como, por exemplo, as línguas de sinais. Neste sentido, é importante que mais pesquisas a respeito da gramatização de línguas de sinais sejam desenvolvidas. Silva (2012, p. 24) aponta essa necessidade no caso da Libras:

Atualmente, há uma produção consubstanciada sobre a constituição do léxico, sobre a estrutura linguística da Libras, sobre a estrutura dos sinais, sobre a história da educação de surdos no Brasil. No entanto, não encontramos estudos que busquem compreender a constituição dos instrumentos linguísticos da Libras, estudos que tratem sobre a produção de conhecimento sobre essa língua, sobre o seu processo de gramatização. Provavelmente, pela história recente da oficialização e institucionalização da Libras, não dispomos de estudos sobre a constituição, formulação e circulação dos instrumentos linguísticos dessa língua.

A Libras é a língua das comunidades surdas do Brasil, abrangendo diversas regiões em que haja concentração de pessoas sinalizantes (surdos e ouvintes que se comunicam em língua de sinais) compartilhando espaços comuns como escolas, associações, pontos de encontro, igrejas, entre outros. Nesta pesquisa, a língua não será tratada como um fenômeno natural. Este é um gesto teórico de leitura que está posto nos estudos linguísticos. A língua é tomada aqui “como a base comum de processos discursivos diferenciados” (Pêcheux, 1995, p. 91). Dizendo de outra forma, partindo da teoria do discurso de Michael Pêcheux, a língua constitui o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido (Pêcheux; Fuchs, [1975] 1997, p. 172). É dentro dessa perspectiva que tratamos a Libras:

A Libras não pode ser vista somente como uma língua em que se interpreta de forma evidente, ela é uma língua em que se pode tanto constituir, formular como fazer circular o conhecimento. Há um investimento a ser feito em tornar esta língua como uma língua de produção de conhecimento e não somente uma língua em que se interpreta, sob a evidência de uma interpretação fiel, quando se pensa a produção do conhecimento sobre a própria Libras. Esta língua deve ser pensada como base material para a realização de processos discursivos diferenciados, dentre os quais o discurso científico e a circulação desse conhecimento, quer dizer, a língua de sinais servindo como base para a produção de textos teóricos. Estamos querendo dizer que a Libras deve ter visibilidade também como língua de produção e circulação de conhecimento, desse modo tem-se também visibilidade tanto da língua de sinais como sobre o próprio conhecimento produzido sobre ela. (Mariani *et al.*, 2021, p. 534).

As reflexões a respeito da gramatização da Libras vêm se constituindo aos poucos, isso se deve porque os instrumentos linguísticos e os registros históricos produzidos sobre essa língua, estão começando a serem analisados sob perspectiva da HIL articulada com a AD. Alguns acontecimentos promoveram e ainda promovem o processo de gramatização da Libras. Entre eles, destacam-se os acontecimentos no campo jurídico, como a promulgação da Lei de Libras, ou educativos, como a atual proposta educacional bilíngue e a proposta de educação inclusiva que prevê a presença de um intérprete na sala de aula. Além disso, há também outros acontecimentos no campo cultural e linguístico, como as publicações sobre a descrição linguística da Libras e a metodologia para ensino da Libras como segunda língua ou a criação do Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos (PNAS). Isso significa dizer que as pesquisas a respeito desse processo partem de diferentes materialidades além de gramáticas e dicionários (Baalbaki, 2014, p. 86).

O estudo pioneiro sobre a gramatização da Libras foi desenvolvido por Silva (2012) em sua tese de doutorado. Neste trabalho, a autora relata que o seu interesse por essa temática surgiu durante o seu doutorado ao cursar a disciplina História das Ideias Linguísticas; anteriormente o seu interesse eram nas questões sobre leitura e escrita de surdos. A autora desenvolveu um estudo com dicionários da Libras publicados de 1875 até 2010, separando-os em três períodos principais: o primeiro período esteve marcado pela publicação da *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de Flausino José da Gama, em 1875, estendendo-se até meados da década de 1960; o segundo período seria então dos anos 1960 até a década de 1990; e o terceiro período nos anos 2000, em função do reconhecimento legal da Libras como língua da comunidade surda do Brasil, em 2002.

Ao concluir sua pesquisa, a autora afirma que existe um percurso de produção científica sobre a Libras que permite aos demais autores elaborarem gramáticas e dicionários, instrumentos fundamentais para o processo de gramatização da Libras. Esse movimento traz legitimação à Libras, pois são esses estudos científicos sobre a língua, por meio dos saberes produzidos nos instrumentos linguísticos como os dicionários e gramáticas, que institucionaliza a Libras.

Estas reflexões sobre a produção dicionarística da Libras no Brasil possibilitaram-nos compreender que os instrumentos linguísticos marcam mesmo uma fundação dos estudos linguísticos sobre a língua de sinais no Brasil e a compreender o processo de gramatização pelo qual ela está atravessando (Silva, 2012, p. 268).

Partindo dessas reflexões, novos estudos sobre a gramatização da Libras se fazem necessários, pois com as novas tecnologias, novos instrumentos surgem afetando o modo como são produzidos os conhecimentos sobre essa língua. Os dicionários online são exemplos desses novos instrumentos linguísticos que circulam entre os sinalizantes da Libras. Esses instrumentos em específicos são cruciais para a Libras devido à tecnologia visual que permite introduzir o movimento do corpo, uma vez que “a Libras é uma língua visual-espacial. Exibe-se em uma modalidade que utiliza o corpo, as mãos, os espaços e a visão para ser produzida e percebida” (Quadros, 2020, posição 316).

1.2 INTRODUÇÃO DA HIL NO BRASIL

Antes de olhar para aquilo que se configura como fundamental no estabelecimento da constituição da *História das Ideias Linguísticas* (HIL) no Brasil, é interessante ressaltar parte do próprio processo de institucionalização de uma área, de uma disciplina. Partindo de alguns relatos da pesquisadora Eni Orlandi, professora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sobre os fatos que permitiram com que esse programa de pesquisa conjunto entre Brasil e França se estabelecesse e que a área da HIL no Brasil fosse ganhando corpo e podendo se institucionalizar enquanto uma área de concentração e Pós-Graduação.

Algumas marcas que fazem parte desse processo de institucionalização serão aqui pontuadas. A primeira delas será o grupo de pesquisa que Orlandi forma em 1987, intitulado “Discurso, Significação, Brasilidade”. É no surgimento desse grupo que está o início da relação entre a HIL e a AD aqui no Brasil.

Isso está relacionado ao fato de que essas pesquisas começaram no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp a partir de um projeto da área de Análise de Discurso. Trata-se do projeto “*Discurso, Significação, Brasilidade*”, iniciado em 1987, sob coordenação de Eni Orlandi, que propunha estudar como, em

nossa história, no Brasil, discursos sobre a nossa identidade foram sendo construídos: *discursos que fazem com que nos signifiquemos como brasileiros* (Ferreira, 2018, p. 17).

O Pós-doutoramento da professora Orlandi durou um período de dois anos, boa parte desenvolvido na França, entre os anos de 1988 e 1989. Houve então o contato com o grupo de pesquisa coordenado por Sylvain Auroux e a elaboração do primeiro convênio institucional entre as duas universidades, Paris VII e a Unicamp, para que ganhasse corpo essa relação coletiva interinstitucional. Foi o que deu fôlego inclusive para solicitação de financiamento o que vem a acontecer já na década de 1990 por meio de projetos financiados pelo acordo entre os dois países, Brasil e França, conhecido como Capes/Cofecub.

Esse financiamento sustentou de maneira sistemática e regular o envio de alunos para fazerem seus doutorados “sandwiches”, de pesquisadores já doutores para realizarem sejam estágios de Pós-doutorado ou missões mais curtas, sejam missões de trabalho pelos coordenadores desses projetos de pesquisa.

No Brasil, o marco significativo ocorreu com a publicação do livro intitulado “História das Ideias Linguísticas – Construção do Saber Metalinguístico e Constituição da Língua Nacional” em 2001. Anteriormente, em 1998, houve a publicação de um volume especial da renomada revista *Langages*, uma destacada publicação no cenário acadêmico francês, que reuniu exclusivamente pesquisadores envolvidos neste convênio e cujos trabalhos foram apresentados em língua francesa.

Os ensaios dos pesquisadores brasileiros que integraram este volume especial da revista *Langages* foram posteriormente compilados no livro mencionado anteriormente, datado de 2001. Além disso, foram convidados outros pesquisadores que ainda não haviam tido oportunidade, em 1998, de contribuir para a revista *Langages*. Naquele momento, as publicações representavam um espaço crucial para os processos de institucionalização, para as condições de produção e para a consolidação de uma área de estudo, garantindo sua visibilidade tanto entre os especialistas quanto para a sociedade em geral.

O programa da HIL tem uma revista intitulada *Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Também foi feito durante um curto período o *Relatos*, um caderno de pesquisas em andamento na área que foi importante para que o grupo pudesse dar uma visibilidade interna para aquilo que estava sendo realizado. Vários textos que hoje circulam na revista *Línguas e Instrumentos Linguísticos* ou publicados como capítulos de livros ou em outros periódicos, já estiveram de maneira embrionária no *Relatos*.

Outras relações vão configurando esse espaço da HIL, como na relação com as editoras. A editora Pontes publicou de maneira muito regular e sistemática várias obras do próprio projeto. A editora da UNEMAT também ganha destaque, como pode ser encontrado no livro de 2001, o que não é um acaso, dada a relação institucional bastante forte que o fato representa. O programa de Pós-graduação em Linguística estabeleceu com a UNEMAT tanto um mestrado quanto um doutorado interinstitucional e, antes disso acontecer, já vinha sendo desenvolvida uma relação bastante sólida e a área da HIL, o que configurou um dos pontos de ancoragem fortíssimo da formação dos docentes da UNEMAT que realizaram os seus mestrados e seus doutorados.

Tem-se, assim, projetos interinstitucionais Brasil-França e projetos desenvolvidos no âmbito do Brasil como projetos individuais, projetos de docentes, projetos de pesquisadores do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, de iniciação científica, de mestrado, de doutorado, de doutorado sanduíche, doutorado no exterior e outros. Tudo isso vai promover essa expansão de pesquisas em HIL no Brasil e progressivamente vai dando-se a institucionalização dessa disciplina nas universidades brasileiras nos programas de graduação e de pós-graduação.

Essa quantidade massiva de produção de teses, dissertações, publicações dos mais diversos tipos, eventos e outros faz com que seja difícil catalogar toda essa produção, porque isso seria então um efeito dessa institucionalização específica da HIL no Brasil, como coloca Ferreira (2018).

Um outro ponto importante que Ferreira (2018) traz é a questão da heterogeneidade dos pesquisadores, tanto no que diz respeito a sua filiação institucional quanto a sua filiação teórica. Isso é importante para pensar esses diferentes fazeres científicos em HIL que vão se desenvolvendo no Brasil.

Hoje, portanto, a difícil tarefa de recensear o amplo volume de pesquisas, de projetos, de disciplinas, de áreas, de linhas de pesquisa, além de eventos e publicações variadas, inclusive de trabalhos desenvolvidos a partir de outras filiações teóricas nessa área nomeada de *História das Ideias Linguísticas*, é um efeito dessa institucionalização.

Se, de um lado, os primeiros projetos de História das Ideias Linguísticas se produziram a partir de uma articulação forte com a Análise de Discurso, de outro, eles também puderam integrar pesquisadores de diversas instituições universitárias brasileiras, inscritos em áreas diferentes, como, por exemplo: sintaxe, semântica, análise de discurso, semiótica, pragmática, sociolinguística, linguística indígena, lexicologia, filosofia da linguagem, história, estudos clássicos, ciências da informação e da cognição e literatura (Ferreira, 2018, p. 20).

Uma outra publicação importante, de 2004, intitulada *Un dialogue atlantique – Production des sciences du langage au Brésil*, organizada por Eni Orlandi e Eduardo Guimarães, fez com que o grupo brasileiro estivesse presente na França. Esse nome, “diálogo atlântico”, não está aí à toa, é justamente para materializar uma relação que se dá de mão dupla, não em uma relação de dependência. Isso é muito importante nos processos de descolonização do conhecimento. Além disso, eventos múltiplos foram sendo realizados dentro da área da HIL e algo de bastante relevância foi fazer com que essa disciplina passasse a ser obrigatória dentro de um curso, seja um curso de graduação, seja enquanto uma área de concentração e, portanto, como disciplina que vai compor um programa de pós-graduação.

E isso se dá fortemente também no IEL trazendo primeiro a HIL como uma disciplina obrigatória na graduação o que faz uma diferença muito grande. Ter a disciplina da HIL como uma disciplina obrigatória faz uma diferença fundamental na própria maneira como o curso passa a ser olhado – com a abordagem que a HIL dá para a compreensão do funcionamento das ciências da linguagem. Em outras palavras, essa disciplina é essencial para a formação do Linguista, devido sua amplitude de conhecimentos sobre o próprio processo de instituição da Linguística enquanto ciência no Brasil.

E essa ampliação tem relação com o lugar onde a HIL fala, pois não se busca com a HIL criar um compêndio sobre a história das ciências da linguagem com uma referência definitiva, dizendo, por exemplo: "O que aconteceu foi assim, dessa forma e essa é a nossa história". Pelo contrário, a HIL se dedica a pesquisar a história do processo de produção da reflexão sobre a linguagem; a

história das formulações dos conceitos e das teorias (formulações heterogêneas) que configuram um processo de construção de uma linguagem para dizer sobre a língua e a linguagem como objetos de saber; a história da constituição da língua nacional; o conhecimento linguístico e língua.

O conhecimento da língua nacional tem-se dado em nosso país a partir de estudos esparsos, sejam gramaticais ou com finalidades pedagógicas ou ainda com fins apenas descritivos. Com nosso projeto, o que visamos desde o início, foi estabelecer e difundir estudos sistemáticos que tocam a questão da história do conhecimento linguístico e da história da língua, articuladamente, explorando novas tecnologias de pesquisa. Visamos conhecer a língua e o saber que se constrói sobre ela ao mesmo tempo em que pensamos a formação da sociedade e dos sujeitos que nela existem. Não menos importante, nessa perspectiva, é pensar a relação Língua/Nação/Estado e o cidadão que essa relação constitui (Orlandi, 2001, p. 09).

O programa no Brasil instala de maneira indissociável essa relação entre a construção de um saber metalinguístico e a constituição de uma língua, especificamente nas condições de produção desse processo. Isso não significa que sempre vai se dá na relação com a língua nacional, todo e qualquer processo de gramatização, mas nas condições sob as quais o processo de gramatização da Língua Portuguesa no Brasil se estabelece, essa relação é indissociável. Tanto é que se marca pelo nome do projeto e pelo nome do próprio livro, já mencionado, *História das Ideias Linguísticas – Construção do Saber Metalinguístico e Constituição da Língua Nacional*.

Fazer uma história de um saber metalinguístico, partindo dessa posição, configurado por um paradigma epistemológico materialista, significa fazer uma história do processo de produção da reflexão sobre a linguagem. Compreender os efeitos que esse processo vai estabilizando nas relações sociais – na relação do sujeito de linguagem com a língua e nas relações institucionais, e por isso na política científica – esse é um lugar fundamental para HIL. Dito de outro modo, significa olhar para história das formulações, para o modo de dizer, como conceitos e teorias foram formulados – esse é o lugar de ancoragem da HIL. Interessa menos o que é dito e mais o modo por meio do qual é sendo dito, para se compreender os efeitos disso que está sendo dito.

É preciso sempre partir do princípio de que há heterogeneidade nessas formulações de conceitos e teorias, porque isso faz com que a relação entre o pesquisador com o arquivo a ser organizado seja sensível a essas escutas. Para

que o pesquisador não seja pego pelo efeito de um discurso disponível que já estabiliza aquilo que se diz sobre a história de uma ciência. Porque esse efeito já está aí funcionando de maneira extremamente consistente que é a linearização do conhecimento, aquilo para o que Aurox chama a atenção, isto é, a necessidade de escapar do mito de cientificidade.

O mito da cientificidade irá precisamente situar em uma linha temporal, recortando espacialmente, grandes nomes, grandes teorias e organizando isso como se nada mais acontecesse além daquilo que já está posto (Aurox [1992] 2014, p. 07). Escapar desse mito é justamente abrir essa ramificação em tempos e espaços distintos pressupondo a heterogeneidade dessas formulações; compreender as condições de produção em determinados espaços e tempos específicos.

Por isso a relação entre a HIL e o paradigma epistemológico materialista, e particularmente para essa relação com a Análise de Discurso – AD, na linha dos trabalhos produzidos a partir de Michel Pêcheux, na França, e de Eni Orlandi, no Brasil é importante. Essa relação vai estar o tempo todo pensando esse funcionamento da linguagem enquanto um funcionamento discursivo. Olhar para a ciência enquanto um discurso que se formula sob determinadas condições de produção e se formula na heterogeneidade.

Isso então nos faz considerar que todo o percurso do conhecimento é necessariamente heterogêneo e que há muitos caminhos de sentidos que marcam esses percursos, não há apenas aqueles que já se estabilizaram dentro de uma determinada forma de narrar a história das ciências da linguagem. É por conta disso que se pode dizer que há uma relação do saber metalinguístico na sociedade, com a sociedade; ela afeta as formações sociais por afetar o modo como o sujeito de linguagem se relaciona com os sentidos de língua que se estabilizam num determinado discurso metalinguístico, afetando, portanto, tanto o sujeito quanto a formação social. É por isso que se pode dizer que há uma relação indissociável para a HIL em língua, conhecimento e sociedade.

Esta formulação de Guimarães e Orlandi (1996, p. 09), “Tratar as ideias linguísticas é tratar a questão da língua, dos instrumentos tecnológicos a ela ligados e da sua relação com a história do povo que a fala”, aponta para essa relação indissociável entre língua, conhecimento e sociedade. Não há como tratar a HIL de fora das condições históricas da sua produção. Nas condições de

produção específicas do processo de gramatização da Língua Portuguesa no Brasil, a questão da língua nacional se coloca de maneira contundente.

Não há como tratar a história das ideias fora das condições históricas. Em outras palavras, não há ideias ou filosóficas ou científicas senão aquelas que se constituem pela prática humana. Desse modo falar da história das ideias linguísticas no Brasil é tratar da constituição de um saber linguístico (metalinguístico) nas condições próprias da história brasileira: a história de uma colônia portuguesa que se torna um Estado independente no início do século XIX (Guimarães; Orlandi, 1996, p. 09).

Há uma indissociabilidade entre a história da construção de um saber e a história da construção de uma língua nacional. Isso significa que há uma relação necessária entre língua\conhecimento\Estado nacional. Ao falar de Estado nacional, estamos pensando em políticas, políticas de língua, políticas linguísticas que se deem de maneira explícita, ou se deem enquanto políticas mesmo que não explicitadas na forma de lei. Quando falamos dessa relação indissociável entre língua, conhecimento e sociedade, necessariamente estamos levando em consideração o sujeito de linguagem.

1.3 A ARTICULAÇÃO ENTRE AD-HIL

A Análise de Discurso e a História das Ideias Linguísticas são áreas independentes que funcionam com o referencial teórico próprio. No Brasil a professora Eni Orlandi foi a primeira interlocutora desses dois movimentos, primeiro trazendo a AD e depois a HIL. Ao capitanear esse movimento com outros pesquisadores, Eni Orlandi propõe que se estude HIL junto com a AD, ou seja, que os instrumentos linguísticos sejam também analisados como discursos. Procuramos aqui pensar alguns pontos resultantes dessa articulação, começando por algumas reflexões que Nunes (2008) nos traz sobre os pontos de contato entre AD-HIL. São esses pontos que permitem essa aproximação desses campos teóricos, como diz o autor:

Um dos pontos de contato dessa articulação entre a AD e a HIL reside em uma visão histórica da ciência e, particularmente, do que chamamos as “ciências da linguagem” (ver Guimarães & Zoppi-Fontana, 2006). Note-se que tal articulação não se dá ao modo da

interdisciplinaridade ou de uma complementaridade. A AD e a HIL têm seus métodos específicos, mas a partir do contato entre esses dois domínios e das questões que um coloca ao outro, temos ressonâncias tanto em uma quanto em outra direção. A denominação ciências da linguagem, no plural, marca a perspectiva de se considerar os estudos da linguagem na diversidade em que eles se apresentam no tempo e no espaço (Nunes, 2008, p. 109).

Quando Nunes (2008) diz que a articulação AD-HIL “não se dá ao modo da interdisciplinaridade ou de uma complementaridade”, o autor está marcando uma posição frente a esse modo como se dá essa articulação. Pois quando se pensa em interdisciplinaridade e complementaridade se pensa em duas teorias que se articulam e que tem a mesma potência na produção do gesto de análise e não é isso; porque se fosse, isso significaria que seria possível pegar, indiferentemente, um conceito de um lugar e um conceito de outro de forma acrítica sem refletir a partir do lugar da AD sobre aquele conceito. Então não é interdisciplinar. É uma articulação, mas essa articulação não é neutra, assim como também não é ingênua. Então as pesquisas em HIL produzem efeitos, ressonâncias das pesquisas a partir do lugar da AD e vice e versa.

Nunes (2008) também traz essa marca da diversidade nas ciências da linguagem que é pensar nos diferentes fazeres científicos que se inscrevem nesse nome HIL. Quando a HIL introduzida no Brasil, pensando no que Ferreira (2018) coloca, esse processo de transformação é um processo de historicização, de institucionalização, de disciplinarização que é afetado por essas novas condições de produção no espaço brasileiro. Há um ponto de encontro entre AD-HIL; é essa pluralidade, essa diversidade dos saberes que são considerados como próprios das ciências da linguagem.

Então quando o pesquisador se inscreve nesse entremeio entre AD-HIL, nesse lugar de articulação, não é simplesmente fazer um “puxadinho teórico”. Não é pegar um conceito daqui um conceito dali e colocar tudo como se fosse a mesma coisa. É necessário que sejam promovidos deslocamentos conceituais para que possam pensar os trabalhos feitos em HIL a partir da perspectiva discursiva.

Um deslocamento que muito nos interessa neste trabalho é o da definição do que sejam as gramáticas e dicionários. Da perspectiva da HIL, esses objetos são vistos como instrumentos linguísticos, que na AD são tomados, ao mesmo tempo, como objetos discursivos. Uma das premissas da HIL é que “o

aparecimento dos instrumentos linguísticos não deixa intacta as práticas linguísticas humanas” (Auroux, [1992] 2014, p. 70). Refletir sobre a relação entre a língua e a sociedade, onde ambas se afetam mutuamente, assim como o papel do instrumento linguístico nesse processo, constitui um aspecto intrínseco à AD, partindo da relação linguagem/ideologia (Pêcheux, [1975] 1995), fazendo com que esses instrumentos passem a ser considerados objetos discursivos.

Essa interlocução AD-HIL trabalhará justamente essa dinâmica em que esses instrumentos afetam a sociedade. Orlandi (2001) avança ao considerar os instrumentos linguísticos como objetos vivos, uma vez que são constituídos em relação à sociedade e à história. Ao analisá-los nesse contexto mais amplo, há uma expansão da concepção de instrumentos linguísticos, os quais não se limitam apenas a gramáticas e dicionários, mas também incluem manuais, programas de ensino, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e outros dispositivos.

A articulação AD-HIL também permite que a historicidade da produção dos instrumentos seja inserida como uma questão de trabalho para a linguística. Pêcheux ([1975] 1995, p. 93) faz uma relação entre a Linguística e o Materialismo Histórico, resultando o objeto discursivo que é o resultado material da historicidade no sistema da língua.

Não há sujeito sem história e sem língua, e assim reciprocamente. Na abertura de campos de questões proposta por Pêcheux, se a linguística se ocupa da língua, seu objeto não se abstém do histórico e das posições discursivas que produzem o sentido. A relação língua/ideologia é assim convocada como objeto da Análise de Discurso, cumprindo a missão de introduzir na linguística os objetos da ciência das formações sociais (Freitas, 2020, p. 50).

Ao colocar em contato a “tese central” da interpelação de Pêcheux ([1975] 1995, p. 154) e a tese dos instrumentos linguísticos, apresentada por Auroux (2009), a constituição do sujeito adicionada a questão língua/Estado/nação vinda da HIL. Isso significa dizer que esses instrumentos fazem parte desse processo de interpelação do sujeito.

Os instrumentos linguísticos não são sem o funcionamento do histórico social e, ao gerirem comportamentos linguísticos, afetando a língua, participam do processo de interpelação do sujeito, que se dá pela linguagem. Nos dizeres de Orlandi: “Não falamos mais da função da gramática, mas do funcionamento da produção de um saber sobre a

língua na relação desta com o sujeito e a sociedade na história” (ORLANDI, 2000b).

É pela relação com a historicidade dos processos de gramatização que os sujeitos se identificam com posições discursivas relacionadas ao “domínio” das habilidades linguísticas correlatas a lugares sociais: o analfabeto, o ignorante, o autodidata, o que não sabe falar, o que não sabe português... em oposição ao eloquente, o que fala bem, o que domina a norma culta, o letrado, o especialista... Lugares discursivos que operam na legitimação/interdição dos lugares de fala pela própria inscrição dos sujeitos a esses lugares, e que se expandem nos efeitos das falas desses sujeitos (Freitas, 2020, p. 51).

Orlandi (2020) afirma que a AD é um dispositivo teórico que permite o pesquisador depreender seu gesto de interpretação diante do seu objeto, mas para tal, o pesquisador recorta desse dispositivo teórico os conceitos que serão mobilizados na sua análise, constituindo, em função da sua questão, um dispositivo teórico-analítico. O que que é a AD nessa perspectiva? Nessa relação com a HIL? É o dispositivo teórico-analítico que cada pesquisador vai constituir diante do seu objeto. E é esse dispositivo que vai proporcionar um modo de leitura singular que considera a historicidade, dos sujeitos e dos sentidos (Nunes, 2008, p. 110). Pensando então essa relação entre a AD e a HIL, Nunes diz o seguinte:

Tomando as diversas formas de discurso sobre a(s) língua(s) para análise, efetuam-se leituras que remetem esses discursos a suas condições de produção, considerando-se a materialidade linguística na qual eles são produzidos e evitando-se tomá-los como documentos transparentes ou simplesmente como antecessores ou precursores da ciência moderna. Tais discursos atestam, de fato, modos específicos de se produzir conhecimento em determinadas conjunturas históricas. A visada discursiva faz com que temas comumente abordados na História das Ideias Linguísticas, como conceitos e teorias, obras, autores, instituições, periodização, recebam um tratamento específico quando vistos sob a ótica da AD (Nunes, 2008, p. 110).

Uma outra grande contribuição desse contato entre a AD e a HIL, segundo Orlandi (2001), é um modo de trazar o político que a AD introduz nas pesquisas em HIL; isto é, tomando o político como objeto ao se pensar nas ideias linguísticas. Já que o político, embora tratado do mesmo modo, também é central na abordagem que propõe Aurox. Basta pensar na explicação da tese central da gramatização: se deu no Renascimento, muitos séculos após a primeira gramática (s II a. C.), não foi por problemas técnicos, de conhecimento tecnolinguístico: os europeus conheciam perfeitamente a gramática, mas não

“tinham interesse” em gramatizar línguas. Foi o ato político da emergência dos Estados nacionais, na Europa, associado à colonização europeia dos demais continentes aquilo que produziu a descrição e instrumentação massiva das línguas do mundo, dentro e fora da Europa.

Significa dizer então que o político é constitutivo da linguagem, e não somente “um lugar de ação administrativa sobre a língua. Nessa proposta, os instrumentos linguísticos são tomados como discursos sobre a língua, e despertam interesse pela relação constitutiva que possuem com a linguagem e com a ideologia” (Freitas, 2020, p. 48). Não há possibilidade de se ter língua, de uma relação com língua, que não esteja afetada desde sempre pelo político. E isso é uma consequência do entremeio da HIL com a AD. Esse é um pressuposto teórico fundamental da AD que afeta a maneira como se vai compreender o funcionamento dos instrumentos linguísticos na relação com a configuração da língua e, portanto, da maneira como isso vai afetar os sujeitos de linguagem.

Um outro ponto interessante a se pensar é que a língua sendo “um sistema regulado pela sua própria imagem” (Auroux ([1992] 2014, p. 18), isso ressoa muito com a AD. Como é que se produz a imagem de uma língua? Com metalinguagem. Então Auroux está dizendo que metalinguagem e linguagem não são sistemas separados, a metalinguagem regula o sistema da língua. Quando se fala em “própria imagem” é o que fazem os instrumentos linguísticos – é produzir um imaginário de língua, é mostrar como ela funciona.

Quando a AD e a HIL vão pensar no que é específico da língua na relação com o social elas convergem ao dizer que não existe funcionamento da língua sem funcionamento da sociedade. A língua não é trabalhada intrinsecamente, mas pensada como produto das relações histórico-sociais. Embora a HIL esteja considere um “indivíduo que se comunica” e na AD um “sujeito que produzir efeito”, quando Auroux (1998b) fala em indivíduos que se comunicam, o autor não está pensando no indivíduo fora da sociedade, essa comunicação se dá dentro de uma hiperlíngua. Há uma estrutura sócio-histórica, instrumental, tecnológica que opera o funcionamento da língua, que diz o funcionamento da língua. Então é possível um analista de discurso trabalhar fazendo HIL, usando os termos da HIL, desde que esses termos sejam entendidos como efeitos de sentidos, e não realidades empíricas.

1.4 OS INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS NA PERSPECTIVA DA HIL

Ainda pensando na construção de um saber sobre a língua, foi visto com Aurox que o processo de gramatização se dá na base da constituição de instrumentos tecnológicos, os instrumentos linguísticos, tais como os dicionários e as gramáticas. A HIL compreende instrumento linguístico enquanto uma base da constituição do saber metalinguístico, isso porque esses instrumentos linguísticos são necessariamente objetos históricos – o histórico tomado a partir de uma exterioridade constitutiva dentro do funcionamento político e ideológico.

Ver a Gramática e o Dicionário – os instrumentos linguísticos como os denomina S. Aurox (1992) – como parte da relação com a sociedade e com a história (E. Orlandi, 1997) transforma esses instrumentos em objetos vivos, partes de um processo em que os sujeitos se constituem em suas relações e tomam parte na construção histórica das formações sociais com as instituições, e sua ordem cotidiana (Orlandi, 2001, p. 08).

Essa base textualiza essas condições de produção, textualiza esse funcionamento político e ideológico. Cabe então ao pesquisador, trabalhar com essas bases, os instrumentos linguísticos – para compreender essas condições; compreender esses funcionamentos e seus efeitos de sentidos dentro dessa história que não é linear nem homogênea, configurando assim, uma unidade imaginária. É possibilitar justamente olhar para a heterogeneidade, para esse múltiplo e para essas disputas que vão fazendo parte do espaço-tempo desses saberes.

Há uma diferença que preciso ser notada, que é deixar de olhar para os instrumentos linguísticos – sobretudo quando se pensa na gramática e no dicionário – como objetos que serão usados e pensar a relação que o sujeito de linguagem estabelece junto a esses instrumentos em uma sociedade dentro da história. É sair então de uma relação de aplicação – onde se compreende a gramática e o dicionário como somente “objetos de consulta”, e não como verdadeiros instrumentos que intervêm na produção da língua, dos sujeitos e das relações sociais.

Quando refletimos sobre a presença desses instrumentos na Escola, na perspectiva em que consideramos a produção do saber metalinguístico, não se trata de pensar o mero uso de um artefato mas

da construção de objetos históricos, com consequências sobre as políticas das línguas. Quando se constrói uma gramática, um dicionário, de imediato impõe-se a questão do ensino. Não falamos, então dessa perspectiva, na função da gramática ou do dicionário na escola mas como funcionamento deles na relação do sujeito com a sociedade na história. Não se trata apenas de aplicação mas da construção do saber e da língua, na instituição (Orlandi, 2001, p. 08).

Um instrumento linguístico produz uma relação do sujeito e da língua a partir de determinados imaginários, a partir de determinados efeitos de sentidos, daquilo que seja a língua e do modo como ela funciona, do modo de como se diz sobre ela. Isso afeta o sujeito de linguagem na relação de seus processos de identificação na relação com a língua. Ao observar a constituição dos instrumentos linguísticos também está sendo tratado o modo como uma determinada sociedade constrói a sua identidade, uma vez que a produção dessas tecnologias faz parte de sua historicidade. Dito de outro modo, “a produção tecnológica relacionada com a linguagem é, não há dúvida, lugar privilegiado de observação do modo como uma sociedade produz seu conhecimento relativamente à sua realidade” (Guimarães; Orlandi, 1996, p. 09).

Os instrumentos linguísticos fazem parte da construção histórica das formações sociais, suas instituições e sua ordem cotidiana. A história do saber metalinguístico afeta necessariamente a história da língua e por pressuposto, afeta o sujeito de linguagem. Que pressuposto é esse? É o pressuposto discursivo, de que sujeito e língua se constituem ao mesmo tempo, de que não há relação de anterioridade colocada aí. Os processos de identificação dos sujeitos de linguagem se dão na língua, pela língua.

O ideológico coloca como evidência determinados sentidos em detrimento de outros. O político diz respeito justamente a essa divisão dos sentidos. Então, por exemplo, ao falar que: *a gramática diz assim, mas os brasileiros também falam de outro jeito, o que a gramática não aceita*; então está em jogo uma divisão do que é posto como o padrão e o que é posto como da ordem do uso, mas que não é reconhecido como padrão dessa língua. Então há uma divisão em jogo – uma divisão de sentidos, dos modos de dizer e de sujeitos que se identificam com esses modos de dizer. Esse exemplo de discurso gramatical sobre a norma, é da ordem das relações de pertencimento ou não pertencimento que o sujeito de linguagem, ao se ver na relação com aquele texto gramatical, estabelece.

O que caracteriza especificamente a relação do modo como esses instrumentos vão materializando essa história de um saber metalinguístico sobre a língua que se fala no Brasil? Uma das marcas desse funcionamento para as quais Guimarães e Orlandi (1996) chamam a atenção é essa tensão contínua entre uma unidade formal e uma diversidade concreta da língua, que vai funcionar tanto nos instrumentos linguísticos quanto numa formação social, na maneira como os brasileiros se relacionam com os imaginários da língua que circulam no meio desses instrumentos:

Assim como, para a sociedade em sua forma histórica, a questão fundamental é a relação entre a Unidade (o universal) necessária e a Variedade (o circunstancial) concreta, também para a língua é essa relação crucial e definidora. A ciência, por seu lado, tem suas formas de praticar essa relação: essa dualidade contraditória, dizem M. Pêcheux e F. Gadet (1981), se realiza materialmente na própria estrutura das teorias linguísticas e na história de seus confrontos. Esta contradição trabalha, na ciência da linguagem, um equívoco necessário entre o saber sobre a(da) e o saber sobre as(das) línguas (Guimarães; Orlandi, 1996, p. 13).

E o que está em jogo quando se pensa nessa unidade formal? Que os instrumentos linguísticos e o Estado fomentam, produzem a própria unidade formal, que é imaginária – já que o real da língua é fluído, diverso, ao se pensar na distinção de língua imaginária / língua fluída de Orlandi (1988). E nas práticas languageiras, há um debate (esse debate no sentido de entrar em relação) dessa unidade formal com uma diversidade concreta. Então os sujeitos de linguagem e as formações sociais estão o tempo todo em relação com essa diversidade concreta.

De um lado há um conjunto de processos que produzem um efeito imaginário dessa unidade formal, isso que lembramos estar na gramática: *a língua é assim, mas o brasileiro fala assado* – *a língua é assim*, a unidade formal; *o brasileiro fala assado*, é a indicação de que existe uma diversidade, mas que não é legitimada, que não faz parte justamente, mas que está fora daquilo que a gramática considera fazer parte da língua. Esse funcionamento ou tensão entre essa unidade formal e a diversidade concreta acompanha o tempo todo a história de um saber metalinguístico e a história da língua.

Essa tensão entre essa unidade formal e essa diversidade concreta vai sendo administrada pelo Estado por meio de políticas que são sustentadas

necessariamente pela ciência e pela instrução. São todas relações que vão se dando em diferentes espaços institucionais que são legitimadas dentro de uma determinada história para dizer com autoridade sobre aqueles objetos. O que Orlandi e Guimarães (2001) vão afirmar é que nesse gesto de administração do Estado sustentado pela ciência e pela escola, há em jogo uma tripla injunção que precisa sempre ser levada em consideração: o papel legislador do Estado – cabe ao Estado formular leis, políticas linguísticas explícitas; o papel regulador da instrução – esse é o espaço da escola; e a tradição gramatical – aquilo que se estabiliza dentro de uma determinada história, de um saber, de um conhecimento linguístico.

A articulação da história das ideias (teorias) linguísticas com a história da constituição da língua nacional traz novos elementos para compreensão da gramática e a explicação da relação da língua com o Estado. Ela trabalha a ligação necessária entre a unidade (formal) e a diversidade (concreta) no campo dos estudos da linguagem.

De um lado, a história das ideias linguísticas se produz nas condições determinadas em que se inscreve a constituição da “língua nacional” deriva do domínio do Estado, a produção do saber metalinguístico inscreve-se em um jogo complexo entre o papel legislador do Estado, o papel regulador da instrução e a tradição gramatical (Orlandi; Guimarães, 2001, p. 21).

Essa administração entre a unidade formal e a diversidade concreta feita fundamentalmente pelo Estado por meio da sustentação da ciência e da escola é uma das marcas desse funcionamento indissociável entre Estado, conhecimento linguístico e sociedade. Portanto, ao dizer que o processo de gramatização funciona junto com a configuração da evidência linguística, bem como com a história da língua, torna-se evidente que essa relação tensa entre a unidade formal e a diversidade concreta é intrínseca à própria história linguística.

Quando estamos dizendo que as condições de produção específicas do processo de gramatização tocam fundamentalmente a língua nacional, não estamos dizendo que essa é a única língua que circula. O que estamos dizendo é que o processo de gramatização vai fomentando condições para que seja essa a língua visível para os brasileiros, com esse sentido de língua nacional. E que língua é essa? Uma língua cuja designação, não sem polêmica, é Língua Portuguesa.

Uma outra questão que interessa à HIL é o efeito imaginário do monolinguismo. Esse território de enunciação brasileiro, esse território discursivo

brasileiro é um território multilíngue desde sempre. No entanto, houve um conjunto de políticas sustentadas por saberes metalinguísticos que vão produzindo esse efeito de monolinguismo. Há também um efeito de coincidência, como dizem Pfeiffer e Silva (2014), entre um conjunto de designações: língua nacional, língua portuguesa, língua materna que se contrapõe a outro conjunto de designações: língua estrangeira.

Pode-se argumentar que a Libras é uma manifestação complexa da contradição decorrente desse efeito de coincidência entre a Língua Portuguesa, como língua nacional, língua oficial e língua materna, assim como as línguas indígenas. Contudo, as línguas de sinais contemporâneas destacam de forma ainda mais intensa essa contradição. Isso fica evidente na própria designação da Libras como "Língua Brasileira de Sinais". Surge então a questão: que relação essa denominação estabelece com o que é considerado oficial e nacional? Quando considerada em relação à Língua Portuguesa, a Libras é tratada como uma língua estrangeira? Essas questões suscitam reflexões importantes, pois ao rotular a Libras simplesmente como uma língua estrangeira, pressupõe-se que a Língua Portuguesa coincide automaticamente com a língua materna, a língua oficial e a língua nacional.

Ao se desestabilizar esses efeitos, é possível começar a levar em consideração que esses instrumentos linguísticos vão produzindo essa unidade imaginária de língua e apagando um conjunto de outras línguas que circulam no território e que não têm visibilidade nenhuma. Por isso é tão importante a formulação de Guimarães (2002) que vai na direção de pensar sempre tudo e qualquer espaço de enunciação enquanto um espaço em que há uma relação entre línguas, antes de se tentar circunscrevê-las a partir de determinadas definições a priori que colocariam: essa é língua "x", essa é a língua "y". O sujeito de linguagem estabelece sempre relações entre línguas, mesmo que isso não seja visível, não seja explícito. Entra aqui a determinação do político-ideológico.

A ideologia é o que coloca um sentido como evidente, como hegemônico em detrimento de outros. Quando a Língua Portuguesa é colocada em evidência se apaga outras línguas, outros modos de dizer. O político traz essa divisão ao tornar um sentido evidente e apagando outros. Quando Guimarães (2002) formula o conceito de espaço de enunciação, o autor explicita que o espaço de enunciação é sempre um espaço político, porque joga nesse espaço a divisão

entre modos de dizer, a divisão entre línguas, a divisão entre sujeitos. E essa divisão é determinada por uma relação de forças que se estrutura socialmente.

Pode parecer que quando se fala em língua nacional, se está dizendo que o processo de gramatização simplesmente se reduziria a uma relação com a língua nacional, mas não é isso; o processo de gramatização traz a evidência dessa língua nacional enquanto efeito de sentido; ele se relaciona com essa língua nacional justamente colocando em relações hierárquicas, em relações de sentidos, essas outras línguas que circulam por esses espaços. A diversidade concreta é justamente o espaço para as “n” línguas. Quando se está falando de língua, não se reduz a esses nomes já disponíveis: língua estrangeira, língua oficial, língua nacional, língua materna. Porque a maneira como o sujeito se constitui na relação entre as línguas faz parte das suas condições materiais de existência, mostrando que língua, conhecimento e política estabelecem entre si relações profundas e definidoras na constituição dos sujeitos e da forma da sociedade.

Todo esse percurso que estamos fazendo é para sustentar e dar uma relevância maior para essa relação entre a gramatização de uma língua como parte da própria história da língua. Recorrendo novamente ao que Guimarães e Orlandi (1996, p. 13) mostram: “a gramatização de uma língua é parte da história da língua, não sendo, simplesmente, uma produção de instrumentos sobre ela. As tecnologias não são só resultado de um saber, são também parte dos fatos para os quais, ou a partir dos quais, foram produzidas”. A relação da gramatização de uma língua com a história dessa língua não vai numa única direção, já que uma afeta o processo da outra.

A gramatização não é apenas a produção de instrumentos linguísticos sobre uma língua. Isso é bastante importante porque poderíamos simplesmente achar que fazendo uma descrição de vários desses instrumentos, um compilado de como é que se deu a história da gramatização da língua portuguesa no Brasil, por exemplo, fosse o suficiente. Não. A gramatização não se reduz a isso, assim como não é pouca coisa a produção dos instrumentos linguísticos. Mas dizer que a gramatização não se reduz a essa descrição dos instrumentos significa dizer que essas tecnologias, esses instrumentos linguísticos, não são só resultados desse saber, dessa história de um saber.

Esses instrumentos começam a fazer parte dos próprios fatos de linguagem, assim como nas palavras de Orlandi e Guimarães (2001, p. 33): “Sustentando a ideia de que a gramatização de uma língua é uma parte da história desta língua, podemos afirmar que as tecnologias linguísticas não são somente os produtos de um saber mas que elas contribuem para a constituição dos fatos da língua”. Os instrumentos linguísticos produzem uma evidência dessa língua, dessa unidade imaginária de tal modo que eles estabilizam aquilo que é objeto para fazer parte da discussão, da reflexão de um saber linguístico.

Isso vai ficar mais claro quando colocamos que a língua em si, esse efeito imaginário de unidade, só pode se fazer apreensível, se fazer visível pela circulação desses instrumentos linguísticos. Então o que está sendo salientado aqui é que não se pode tomar o instrumento linguístico apenas como um resultado de saber, mas configurando, produzindo esse efeito imaginário de que língua é essa, de que línguas são essas que estão presentes nos distintos espaços em que os sujeitos de linguagem circulam.

As gramáticas e os dicionários são esses instrumentos mais tradicionais, mais visíveis, mais estabilizados enquanto instrumentos linguísticos. Mas também tomamos como instrumentos linguísticos programas curriculares, livros didáticos, antologias literárias, glossários, todo um conjunto de legislações (como a LDB, os PCNs, a BNCC e outras) que contêm múltiplas textualidades. Todas essas diferentes textualidades se configuram em instrumentos linguísticos, formam aquilo que, para o pesquisador, vai ser o arquivo necessariamente concebido como um conjunto heterogêneo de textos, que vão ser considerados a partir do seu funcionamento discursivo.

2 NOSSO DISPOSITIVO ANALÍTICO

2.1 O DICIONÁRIO COMO INSTRUMENTO LINGUÍSTICO

Descrever e instrumentar uma língua é um processo que dificilmente terá fim porque sempre surgem novos fatos de língua a descrever e novas tecnologias que podem instrumentar esta língua. Além disso, a gramática e o dicionário produzem um efeito de completude, mas que já foi desmistificado pelos diferentes modos de funcionamento que assumem no interior de diferentes grupos sociais. Portanto, mesmo que haja um lugar instituído para o funcionamento da gramática e do dicionário – a escola, o processo de gramatização de uma língua é contínuo (Petri, 2012, p. 27).

É na escola que se aprende a importância da gramática e o papel do dicionário, a relevância desses instrumentos na sociedade. A exemplo disso, os dicionários eram consultados nas escolas somente “em caso de dúvidas ou para se saber os sentidos supostamente ‘corretos’ das palavras. Assim, não se ensinava o dicionário, pelo contrário, era o dicionário que ‘ensinava’ como uma autoridade pouco questionada” (Nunes, 2010, p. 08).

Sobre essa questão, Orlandi (2000, p. 98) afirma que “consideramos que o dicionário assegura, em nosso imaginário, a unidade da língua e sua representabilidade: supõe-se que o dicionário contenha (todas) as palavras da língua”, eis o efeito da completude. Em outras palavras:

Aprendemos a respeitar o funcionamento regulador da gramática e o funcionamento compilador do dicionário, mas desde muito cedo nos deparamos com a impossibilidade de conhecer a gramática em sua totalidade e de conter os sentidos sobre as palavras que utilizamos. Trata-se de um efeito de sentido já estabilizado e dele decorre a ilusão de unidade de língua e de nação (Petri, 2012, p. 27).

Nunes (2010) explicita que o modo como se olha um objeto, conseqüentemente, se determina a sua concepção, assim, um dicionário pode ser visto como uma simples lista de palavras com definições e exemplos. Porém, o autor se apropria do olhar sob a perspectiva da articulação AD-HIL ao tratar este objeto, então, para ele:

[...] o dicionário não é algo que estaria na mente das pessoas desde que elas nascem, mas, sim, algo que é produzido por práticas reais em determinadas conjunturas sociais, ou seja, o dicionário é produzido sob certas “condições de produção dos discursos”. E as palavras não são tomadas como algo abstrato, sem relação com os sujeitos e as circunstâncias em que eles se encontram, mas sim como resultantes das relações sociais e históricas, relações essas que são complexas e, por vezes, polêmicas ou contraditórias. Assim, o dicionário é visto como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas (Nunes, 2010, p. 06).

Tal interpretação de Nunes se inscreve no que Orlandi (2000, p. 98) explicita sobre o interesse dado ao dicionário, considerando que este “é lugar de construção de memória social, em que se marca a relação da ciência com o Estado”, este, segundo a autora, precisa ser visto como instrumento linguístico, sendo “produzido na história, em um certo momento”, portanto, um “objeto tangível de nossa relação com a língua na história”.

É na relação da história e da sociedade com os instrumentos linguísticos que se sustentam o valor dos estudos linguísticos que têm o dicionário como um objeto discursivo (Collinot; Mazière, 1997), trabalhando, portanto, a lexicografia discursiva proposta por Orlandi (2000). Ao realizar esses estudos, é possível entrar num processo que permite observar e compreender o funcionamento da ideologia pelas marcas presentes nas formulações contidas nos dicionários, assim como este faz parte da reprodução/transformação das relações históricas de produção de sentido (Freitas, 2020, p. 48).

Tendo essa relação em mente, serão analisados dicionários de diferentes materialidades: dicionários impressos e dicionários online por compreendermos que existem diferenças ao descrever línguas orais e línguas de sinais tanto em gramáticas como em dicionários.

Quanto ao modelo de gramática, há também outras questões: tentam-se aproximações com modelos descritivos das línguas orais, mas há diferenças ligadas à modalidade viso-gestual impossíveis de serem capturadas por esses modelos descritivos. A gramática de LS [língua de sinais] teria a ver com a quadrimensuralidade dos movimentos, a expressividade do corpo, o uso do espaço, ou seja, com a própria materialidade da língua representada no imaginário de seus sentidos políticos (Baalbaki, 2023, p. 39).

Baalbaki (2023) segue destacando que no processo de se instrumentalizar uma língua de sinais se tem “algumas formas imagéticas (desenhos ou fotografias) que buscam representar, estaticamente, os sinais inseridos em gramáticas (de cunho descritivo) e em dicionários” e que recentemente, também identificou “os vídeos como sendo os elementos que prestam a registrar essa língua em seus instrumentos linguísticos”.

2.2 OS DICIONÁRIOS ANALISADOS

Os dicionários analisados foram publicados no período de 2010 a 2020. Esse período foi escolhido com o intuito de compreender o modo como a Libras vem sendo instrumentalizada recentemente. Foram escolhidos para este trabalho 4 dicionários, dos quais 2 são online e 2 são impressos: *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais* (2011) de Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza versão eletrônica 3, disponível gratuitamente nos sites da Acessibilidade Brasil e do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES; *Dicionário de Libras* (2017), do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa; *Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais* (2011), de Flávia Brandão; *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos* (2017), de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins.

Os dicionários online são resultado das tecnologias disponíveis hoje. São instrumentos consultados com frequência por serem de fácil e rápido acesso. Em seu trabalho, Freitas (2020) explicita algumas características de um dicionário online, dentre elas temos: estar disponibilizado na web para consulta; não haver opção de download ou instalação de programas no computador do usuário para que ele sempre esteja em atualização; a manutenção do banco de dados seja em computador remoto; exige conexão; e rompe com as formas tradicionais de publicação de dicionários. Esses instrumentos, participam hoje da terceira revolução tecnolinguística posta por Auroux (1998, p. 289):

Parece dificilmente contestável que sejamos contemporâneos da terceira grande revolução nesse domínio, a do tratamento eletrônico da informação apresentada em linguagem natural. Trata-se

verdadeiramente de uma mecanização das formas privilegiadas da comunicação humana.

Ao analisar um verbete, se faz necessário considerar a particularidade do dicionário em questão. No caso dos dicionários de Libras, a sua textualidade é composta por diferentes elementos, constituindo a sua materialidade, como nos aponta Silva (2012, p. 99): “Os verbetes são constituídos por um conjunto de ilustrações do sinal e da descrição do sinal, sejam desenhos, fotografias ou vídeos, além de texto escrito em língua portuguesa”.

2.2.1 Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011)

O primeiro dicionário online analisado foi o *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais* de Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011) apresentado a seguinte interface conforme a figura 01: quadro de *Busca por Palavra, Exemplo, Acepção* ou *Assunto*; quadro de *Ordem Alfabética, Por assunto* ou *Mão*; *Assuntos*; palavras; mão; vídeo; acepção; exemplo; exemplo em Libras; classe gramatical; origem; imagem. Essa organização lembra os diferentes tipos de instrumentos lexicográficos: listas de palavras, organização temática, dicionários enciclopédicos e outros.

Figura 1 – Tela do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais de Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011) ao selecionar a letra M na ordem alfabética.

The screenshot shows the interface of the 'Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011'. At the top, there is a search section with radio buttons for 'Palavra' (selected), 'Exemplo', 'Acepção', and 'Assunto'. Below this are input fields for 'Palavra:' and 'N#:', and a 'Buscar' button. To the right, there is an 'Ordem' section with buttons for 'Alfabética' (selected), 'Por assunto', and 'Mão'. Below the 'Ordem' section is a horizontal list of letters from A to Z, with 'M' highlighted. The main content area is divided into several sections: 'Assuntos', 'Palavras' (with a dropdown menu showing 'M', 'MACÃ', 'MACACÃO', 'MACACO', and 'MACACO MECÂNICO'), 'Mão', 'Vídeo', 'Acepção', 'Exemplo', 'Exemplo Libras', 'Imagem', 'Classe Gramatical', and 'Origem'. At the bottom, there is a footer with the 'Acessibilidade Brasil' logo and website address, and a link to 'créditos - libras em cd'.

Fonte: Disponível em <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras> 3/ Acesso em: 18 de mar. de 2022.

Ao observar o modo de busca de um sinal (entrada), foram encontradas duas formas principais: a primeira é o sistema de busca, na qual tem as opções *palavra, exemplo, acepção e assunto*. Após ser selecionada uma dessas opções, digita-se a palavra que será a referência principal da busca. A segunda forma é pelo sistema de ordem, que tem como opções a *ordem alfabética, por assunto e mão* (configuração de mão). Quando se escolhe uma das duas primeiras opções (*ordem alfabética* ou *por assunto*), basta clicar em uma das letras que aparecem. Caso seja selecionada a terceira opção (mão), abre-se uma nova tela com 73 configurações de mão como mostra a figura 02.

Figura 2 – Tela com 73 configurações de mão do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011) ao selecionar a opção de busca por mão no sistema de ordem



Fonte: Disponível em http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/ Acesso em: 18 de mar. de 2022.

A configuração de mão (CM) é um dos parâmetros gramaticais da Libras, “são as diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) na realização do sinal” (Ferreira, 2010, p. 36). Ao selecionar uma dessas configurações, será

apresentada uma lista de sinais que são feitos a partir dessa configuração. Essa forma de buscar um sinal em um dicionário de língua de sinais seria a mais próxima de um dicionário monolíngue dessa língua, em que a entrada seria pela CM, havendo um vídeo demonstrando o sinal, assim como a sua definição também sinalizada (Silva, 2012, p. 249).

Como anteriormente mencionado, é possível neste dicionário buscar um sinal *por assunto*; neste sistema de busca, os verbetes foram divididos em 21 grupos de assuntos, como: alimento/bebida; família; higiene/saúde; profissão/trabalho; sentimentos e outros. Basta selecionar essa opção, escolher um dos assuntos na janela ao lado intitulada *palavra*, aparece uma lista dos sinais correspondentes àquele assunto.

2.2.2 Dicionário de Libras (2017)

O segundo dicionário online analisado foi o *Dicionário de Libras (2017)*, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa que apresenta um sistema de busca diferente a do dicionário anterior. Na tela inicial constam as opções de buscas disponíveis: *pesquisa geral*, *tema*, *sinalário* ou *configuração de mão* conforme a figura 3.

São apresentados 24 temas como: alimentos; comunicação e eletrônicos; escola; situações, cotidiano e eventos; verbos e outros. O sinalário é dividido em 3 áreas: Biologia; Letras; Matemática. As configurações de mão foram agrupadas em 5 conjuntos, totalizando 66 configurações distintas. O dicionário conta também com um histórico de acesso, logo abaixo da janela dos temas, onde ficam registrados quais foram os sinais pesquisados.

Na parte superior à direita encontram-se 5 botões onde constam algumas informações a respeito do dicionário: *Início*; *Sobre*; *A equipe*; *Contribua*; *Contato*. Na parte inferior, tem-se informações para contato e as logomarcas das instituições envolvidas na elaboração do dicionário: Universidade Aberta do Brasil (UAB); Projeto Inovar +; Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância (CEAD); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Figura 3 - Tela inicial do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).

[INÍCIO](#)
[SOBRE](#)
[A EQUIPE](#)
[CONTRIBUA](#)
[CONTATO](#)

Dicionário de Libras

A obtenção de vocabulário é indispensável para o processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais. Este dicionário é constituído por sinais regionais básicos.

Comece por aqui

Busque a palavra desejada a partir das seguintes opções:
 Pesquisa geral, tema, sinalário ou configuração de mão ou filtre através de um sinal ou configuração de mão

Pesquisar

Busque sinais por tema:

Alimentos
Animais e Insetos
Comemorações
Comunicação e Eletrônicas
Construção
Cores
Corpo Humano
Cumprimentos
Dinheira
Disciplina
Escola
Esporte e Diversão
Instrumentos Musicais
Lugares, Cidades e Países
Meios de Transporte
Natureza
Números
Objetos
Pessoas e Família
Profissões
Situações, Cotidiano e Eventos
Tempo e Calendário
Verbos
Vestidário

Histórico de acesso:

[Acessar histórico](#)





Sinalário

Encontre os sinais da sua área

Biologia
Letras
Matemática

Configuração de mão

Pesquise através das configurações de mãos abaixo




● ○ ○ ○ ○

Contato


Universidade Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa
 Prédio CCHZ
 36570-900 - Viçosa - MG - BR
 Tel.: +55 (31) 3899-4914 (DLA)
 Tel.: +55 (31) 3899-4808 (DCS)
 E-mail: dia@ufv.br







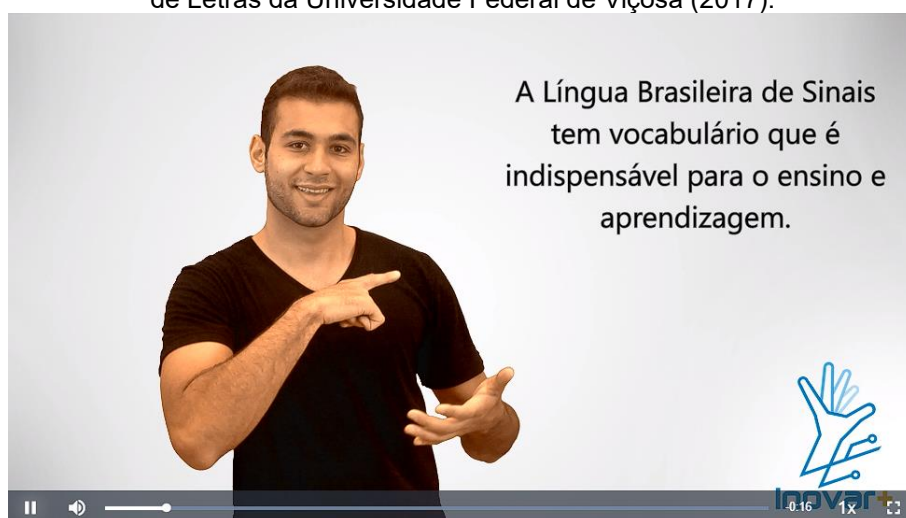
©2017 - Todos os Direitos Reservados - Desenvolvido pela Cead



Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

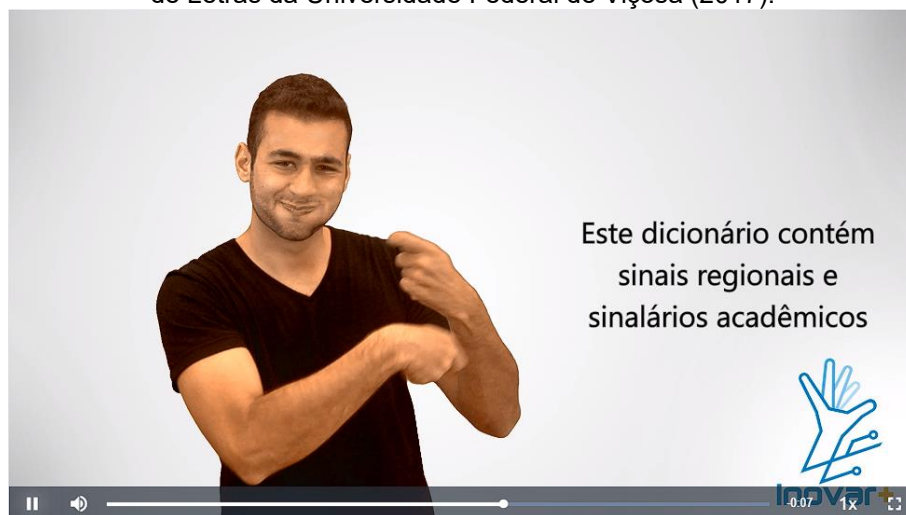
No vídeo presente na tela inicial há um rapaz sinalizando em Libras uma breve apresentação do dicionário, não há uma interpretação na modalidade voz do que está sendo sinalizado para as pessoas ouvintes, mas há uma legenda em português acompanhando a sinalização conforme as figuras 4 e 5 a seguir:

Figura 4 - Primeira parte do vídeo de apresentação do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).



Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

Figura 5 – Segunda parte do vídeo de apresentação do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).



Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

O que chama a atenção nessa tela inicial são os enunciados de apresentação deste dicionário. Na parte superior da tela consta o seguinte: *Dicionário de Libras – A obtenção de vocabulário é indispensável para o*

processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais. Este dicionário é constituído por sinais regionais básicos. E na legenda do vídeo de apresentação consta o seguinte: A Língua Brasileira de Sinais tem vocabulário que é indispensável para o ensino e aprendizagem. Este dicionário contém sinais regionais e sinalários acadêmicos.

As duas frases são semelhantes ao explicitar basicamente a mesma coisa, mas de maneira invertida. Em ambas as frases se nota a valorização do léxico ao trazer a noção de *obtenção vocabulário* e a noção de *indispensável*, o que é compreensível por se tratar de um dicionário. Não é uma gramática de Libras que vai trabalhar a semântica, a pragmática, a fonética, a fonologia, a morfologia, a sintaxe da língua; ele vai privilegiar o léxico, o conjunto de palavras que é só uma parte do processo de ensino e aprendizagem. Há uma relação de paráfrase discursiva entre essas frases.

Pêcheux (1995 [1975]) propõe uma distinção para a noção de paráfrase discursiva. A paráfrase pode ser entendida como uma unidade não-contraditória do sistema da língua; já a paráfrase discursiva pode ser entendida como uma paráfrase histórico-discursiva "para marcar a inscrição necessária dos funcionamentos parafrásticos em uma *formação discursiva historicamente dada*" (p. 290, grifos do autor). Dito de outra maneira, a paráfrase discursiva é uma forma de repetição que permite a atualização de saberes pré-construídos na formulação do discurso, inscrevendo-se em uma formação discursiva específica.

A noção de paráfrase discursiva ajuda a entender como os saberes de outras conjunturas são retomados e atualizados na horizontalidade discursiva. A paráfrase discursiva irrompe no discurso em análise e funciona como um mecanismo de retomada e atualização de saberes pré-construídos, permitindo a inscrição de uma determinada memória discursiva na formulação do discurso. E esses mecanismos se dão não somente em relação ao discurso de, mas também ao discurso sobre, ao discurso científico.

Outro ponto que chama a atenção em ambas as frases é a marcação de que o dicionário é constituído por sinais regionais, porém, não fica claro de qual região são esses sinais. Num primeiro momento é coerente supor que sejam sinais da região de onde o dicionário é produzido, mas o que se nota é que na tela inicial na parte superior à direita, consta um botão chamado *Contribua* e ao

clicá-lo se tem a informação de como as pessoas podem mandar sugestões de sinais para a composição do dicionário, conforme a figura 6.

Figura 6 – Orientação de como contribuir com o Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).

Contribua com o Dicionário!

Para contribuir com o projeto, envie um email para o endereço sugestao.inovar.ufv@gmail.com com as informações e o vídeo referente à contribuição

Fechar

Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

A questão levantada aqui é: um dicionário que se autodeclara como incluindo sinais regionais e aceita contribuições externas, mas não indica isso claramente em sua apresentação ou nos verbetes, qual o efeito que isso gera? Para nós, gera um efeito de universalização dos sinais, de generalização e não de regionalização. Pois não há um recorte sobre, não há uma expansão da explicitando essa regionalidade, gerando esse efeito de que são esses sinais em qualquer região, sendo que há uma variação regional assim como ocorre nas línguas orais devido a diferentes fatores, fazendo com que o repertório de sinais fique mais diversificado (Machado; Weininger, 2018, p. 54).

Também localizado na parte superior da tela inicial, tem o botão chamado *Sobre* que quando clicado, se tem informações sobre o Projeto Inovar +, o qual é responsável pela elaboração do dicionário e sobre o próprio dicionário. Vejamos essa descrição a seguir:

Sobre o Dicionário de Libras

Projeto Inovar +

O Inovar + tem o objetivo principal de desenvolver um Dicionário Online Libras-Português e um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) inclusivo e acessível, denominado Plataforma Inclua. As ações realizadas pelo Inovar Mais visam a

atuação direta de toda a equipe com a elaboração dos softwares citados, além da promoção de ações voltadas para o aprimoramento da formação em educação inclusiva, possibilitando maior acesso das pessoas com deficiência ao Ensino Superior, algo historicamente negado. Sendo um projeto interdepartamental, o Inovar + é financiado pelo Edital Capes (no âmbito do Edital 03/2015), este projeto também fomenta o debate sobre direitos humanos, acessibilidade, inclusão e tecnologias assistivas, para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Dicionário Online Libras-Português

O Dicionário é uma inovação didática tecnológica voltada para pessoas Surdas que estudam ou trabalham na Universidade Federal de Viçosa (UFV), como ferramenta de mediação dos processos comunicacionais entre Surdos e ouvintes. Esta ferramenta, ainda, tem objetivo pedagógico no ensino e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua aos estudantes em formação nas licenciaturas e aos professores que ministram aulas para alunos Surdos. O Dicionário, possibilita ao usuário a busca de sinais a partir da identificação de categorias como “lugares”, “objetos”, “animais”, “transporte”, dentre outros temas. Além disso, este software tem sido organizado de modo a apresentar frases no formato da estrutura sintática da Libras bem como a busca por configurações de mão a partir do sinalário.

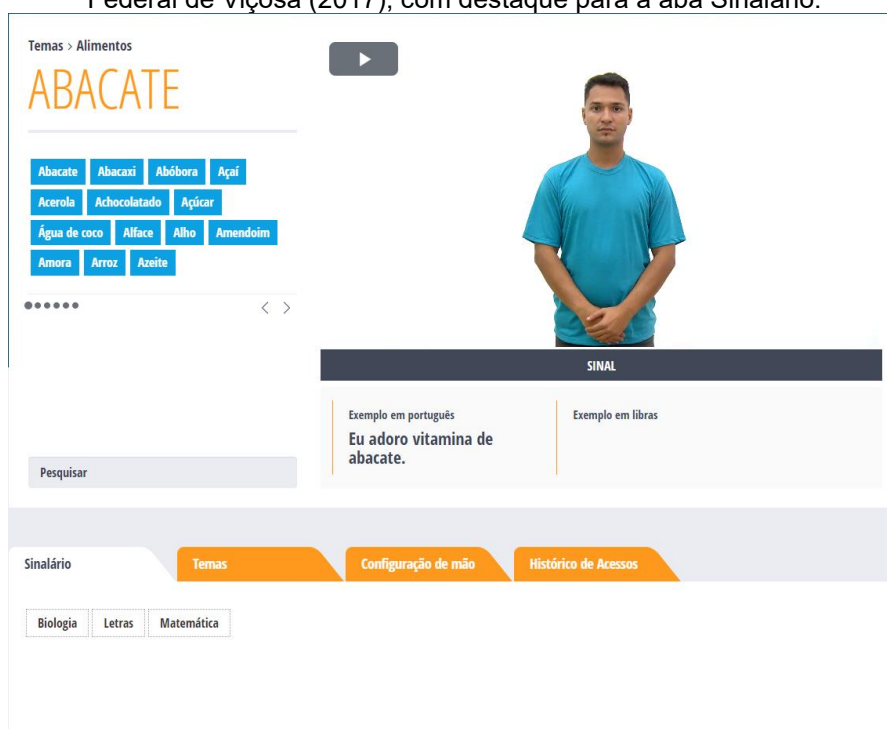
Aqui é descrito para quem é destinado o dicionário: *peças Surdas que estudam ou trabalham na Universidade Federal de Viçosa (UFV)*; mas também pode ser *ferramenta de mediação dos processos comunicacionais entre Surdos e ouvintes*; e ainda *tem objetivo pedagógico no ensino e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua aos estudantes em formação nas licenciaturas e aos professores que ministram aulas para alunos Surdos*.

Nota-se que inicialmente o dicionário é direcionado para Surdos e no decorrer da fala esse direcionamento se expande também para incluir ouvintes, embora mantendo uma ênfase na comunidade acadêmica da UFV. O dicionário

é destacado como uma ferramenta que media os processos comunicacionais entre Surdos e ouvintes, tornando-se, portanto, um instrumento de comunicação.

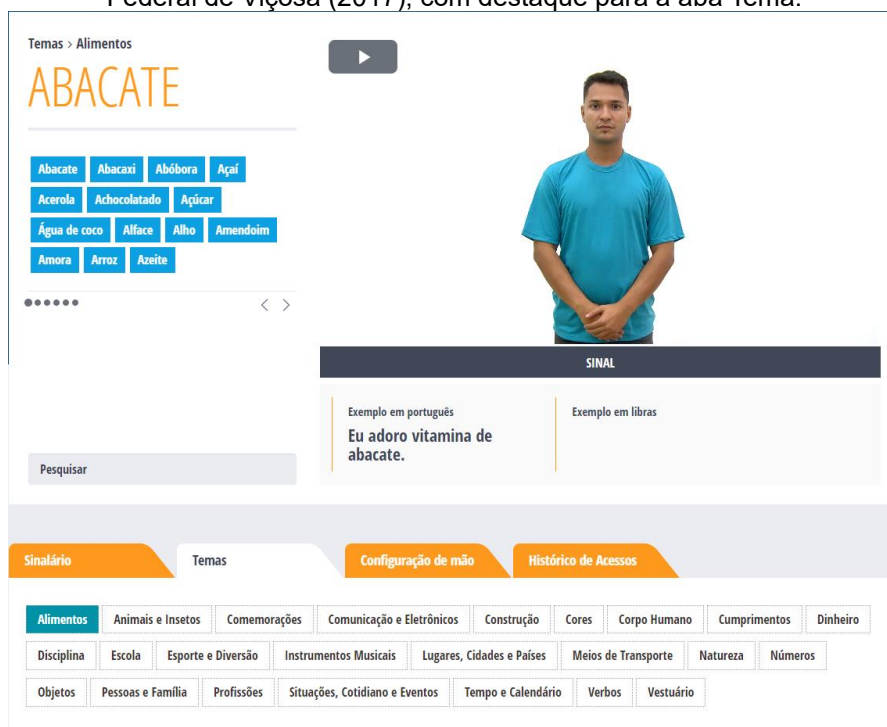
Para demonstrar a interface deste dicionário durante uma busca, optou-se por selecionar o primeiro tema que aparece na página inicial: *Alimentos*. Nas figuras 7, 8, 9 e 10 tem-se do lado esquerdo da tela as palavras que estão agrupadas no tema selecionado em azul, do lado direito em destaque o vídeo com uma pessoa demonstrando o sinal correspondente a palavra selecionada, logo abaixo do vídeo tem o *Exemplo em português* e o *Exemplo em libras*, na parte inferior encontra-se as abas: *Sinalário*, *Temas*, *Configuração de mão*; *Histórico de Acessos*.

Figura 7 – Interface do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017), com destaque para a aba Sinalário.



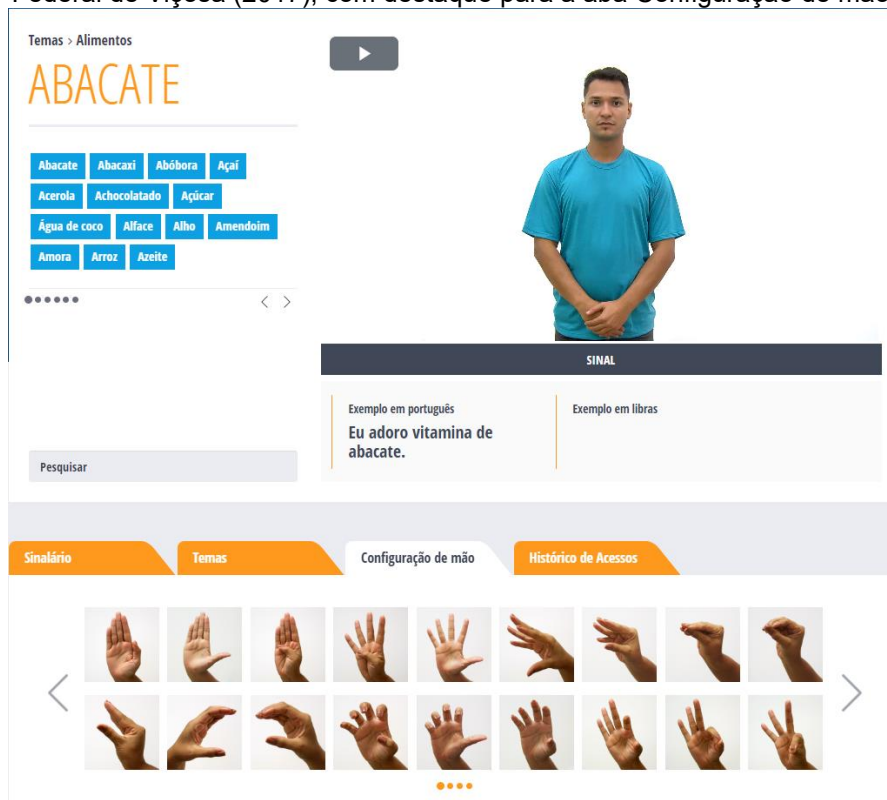
Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

Figura 8 – Interface do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017), com destaque para a aba Tema.



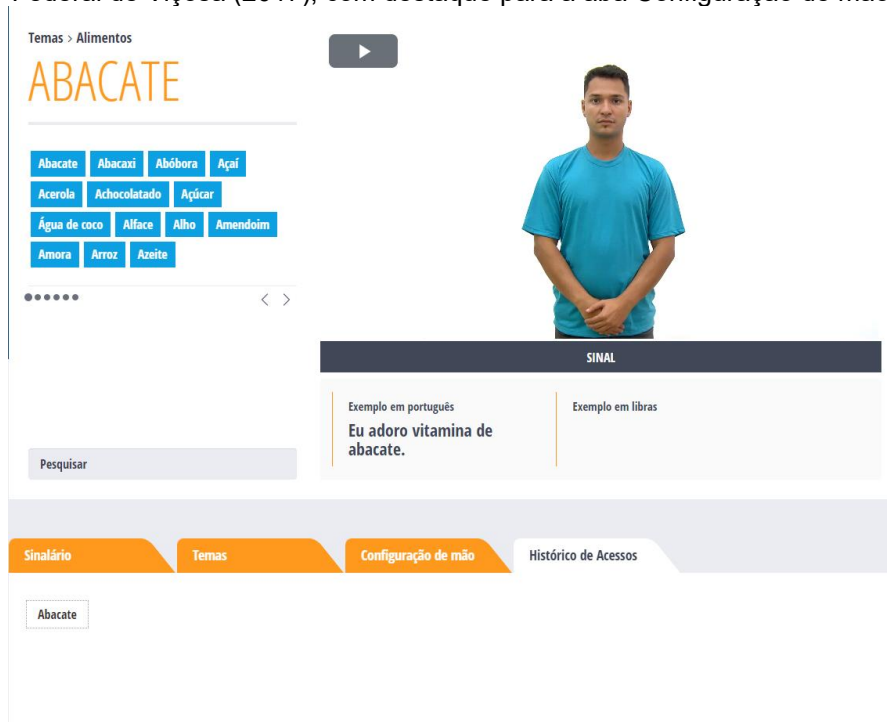
Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

Figura 9 – Interface do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017), com destaque para a aba Configuração de mão.



Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

Figura 10 – Interface do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017), com destaque para a aba Configuração de mão.



Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

A figura 11 demonstra a interface do dicionário quando selecionado a primeira configuração de mão na parte inferior da tela inicial. No caso, foram registrados aqui cinco sinais que são feitos a partir dessa configuração de mão, onde o primeiro é o sinal BARRIGA.

O verbete é constituído pelo vídeo com uma pessoa demonstrando o sinal BARRIGA, o exemplo em português e o exemplo em Libras. Foi observado que, ao longo do dicionário, nem todos os verbetes apresentam um exemplo de frase na estrutura sintática da Libras, porém todos possuem um exemplo em português.

Figura 11 – Interface do Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017), quando selecionado a primeira configuração de mão.



Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

Ao observar os exemplos em português e em Libras tem-se o seguinte:

<i>Sinal/Entrada</i>	<i>Exemplo em português</i>	<i>Exemplo em Libras</i>
BARRIGA	Vou à academia para ter uma barriga definida.	EU IR ACADEMIA BARRIGA^(ENM-murchar bochecha)

O exemplo em Libras traz a marcação de um aspecto gramatical importante na língua que é a expressão não manual (ENM), mais conhecidas como expressões faciais e corporais.

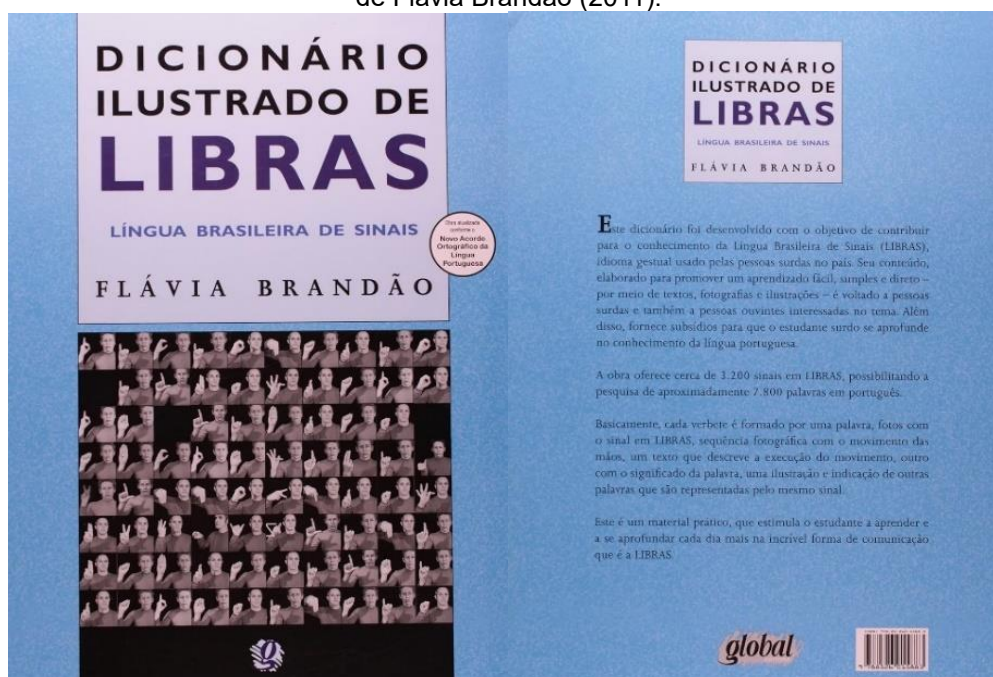
As línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer tipos de frases, como as entonações na língua portuguesa, por isso para perceber se uma frase, em Libras, está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa, precisa-se estar atento às expressões facial e corporal que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase (Felipe; Monteiro, 2006, p. 126).

No exemplo apresentado no dicionário, o ato de murchar as bochechas ao fazer o sinal BARRIGA passa essa ideia de barriga definida, de uma pessoa magra atrelado a ideia de ir à academia para este fim. Essa expressão contextualiza visualmente o sinal ao enunciado escolhido no verbete.

2.2.3 Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais (2011)

Dos dicionários impressos, o primeiro analisado foi o *Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais* (2011), de Flávia Brandão. Na figura 12 temos a capa do dicionário, onde se tem as primeiras informações sobre ele.

Figura 12 – Ilustração da capa do Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais, de Flávia Brandão (2011).



Fonte: Disponível em <https://www.amazon.com.br/Dicion%C3%A1rio-Ilustrado-Libras-L%C3%ADngua-Brasileira/dp/8526015885> Acesso em: 15 de set. de 2023.

Para melhor visualização dessas informações, segue o texto da capa:

Este dicionário foi desenvolvido com o objetivo de contribuir para o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), idioma gestual usados pelas pessoas surdas no país. Seu conteúdo, elaborado para promover um aprendizado fácil, simples e direto – por meio de textos, fotografias e

ilustrações –, é voltado a pessoas ouvintes interessadas no tema. Além disso, fornece subsídios para que o estudante surdo se aprofunde no conhecimento da língua portuguesa.

A obra oferece cerca de 3.200 sinais em LIBRAS possibilitando a pesquisa de aproximadamente 7.800 palavras em português.

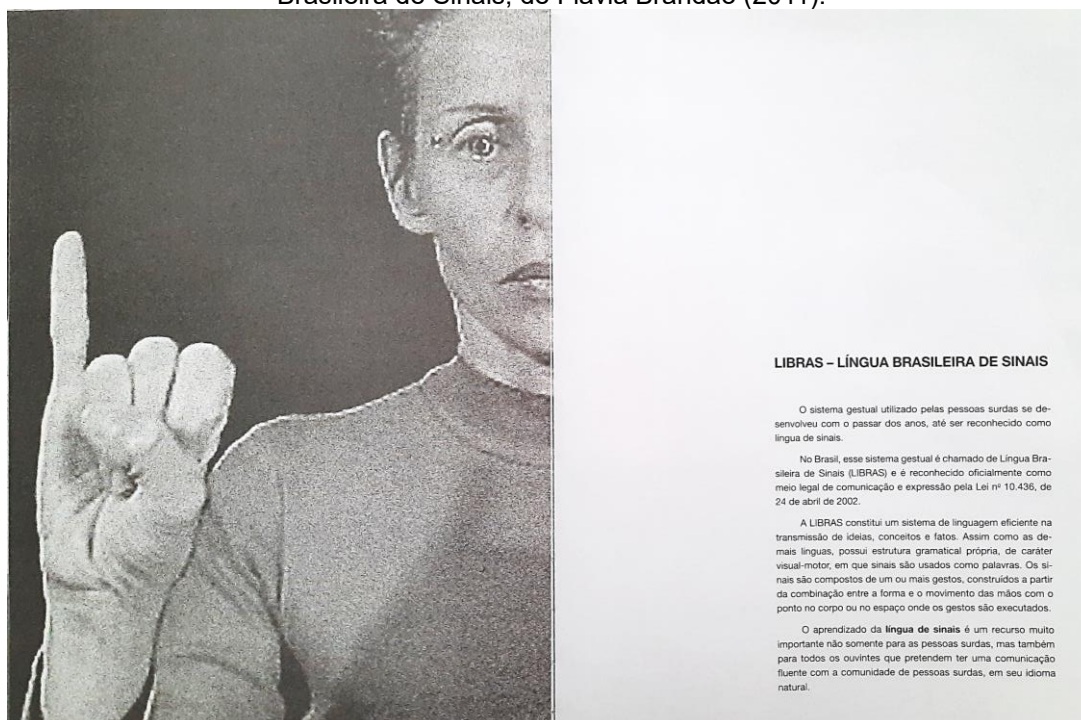
Basicamente, cada verbete é formado por uma palavra, fotos com o sinal em LIBRAS, sequência fotográfica com o movimento das mãos, um texto que descreve a execução do movimento, outro com o significado da palavra, uma ilustração e indicação de outras palavras que são representadas pelo mesmo sinal.

Este é um material prático, que estimula o estudante a aprender e a se aprofundar cada vez mais na incrível forma de comunicação que é a LIBRAS.

Observa-se logo no início dessa descrição geral o objetivo desse dicionário que é de contribuir com o conhecimento da *Língua Brasileira de Sinais* e na mesma frase é observado que a Libras é posta como sendo um *idioma gestual usados pelas pessoas surdas no país*. Essa concepção da Libras está presente nas primeiras páginas do dicionário como será mostrado e analisado mais nas figuras 13 e 14 a diante.

Na sequência, observa-se o que esse dicionário foi pensado a princípio para as pessoas ouvintes que tenham interesse na Libras e que poderia ser um apoio para as pessoas surdas aprendam o português.

Figura 13 – Ilustração do conceito de Libras presente no Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais, de Flávia Brandão (2011).



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Para melhor visualização dessas informações, segue o texto da figura 13:

LIBRAS – LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

O sistema gestual utilizado pelas pessoas surdas se desenvolveu com o passar dos anos, até ser reconhecido como língua de sinais.

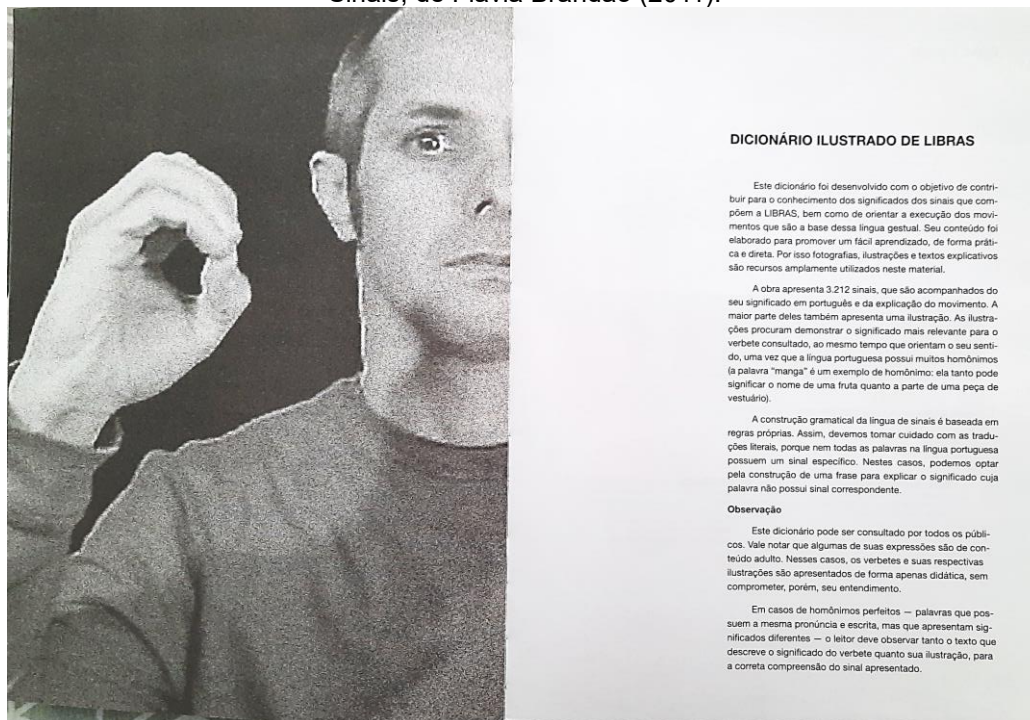
No Brasil, esse sistema gestual é chamado de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e é reconhecido oficialmente como meio legal de comunicação e expressão pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

A LIBRAS constitui um sistema de linguagem eficiente na transmissão de ideias, conceitos e fatos. Assim como as demais línguas, possui estrutura gramatical própria, de caráter visual-motor, em que sinais são usados como palavras. Os sinais são compostos de um ou mais gestos, constituídos a partir da combinação entre a forma e o movimento das mãos com o ponto do corpo ou no espaço onde os gestos são executados.

O aprendizado da língua de sinais é um recurso muito importante não somente para as pessoas surdas, mas também para todos os ouvintes que

pretendem ter uma comunicação fluente com a comunidade de pessoas surdas, em seu idioma natural.

Figura 14 – Ilustração do prefácio do Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais, de Flávia Brandão (2011).



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Para melhor visualização dessas informações, segue o texto da figura 14:

DICIONÁRIO ILUSTRADO DE LIBRAS

Este dicionário foi desenvolvido com o objetivo de contribuir para o conhecimento dos significados dos sinais que compõem a LIBRAS, bem como de orientar a execução dos movimentos que são a base dessa língua gestual. Seu conteúdo foi elaborado para promover um fácil aprendizado, de forma prática e direta. Por isso fotografias, ilustrações e textos explicativos são recursos amplamente utilizados neste material.

A obra apresenta 3.212 sinais, que são acompanhados do seu significado em português e da explicação do movimento. A maior parte deles também apresenta uma ilustração. As ilustrações procuram demonstrar o significado mais relevante para o verbete consultado, ao mesmo tempo que

orientam o seu sentido, uma vez que a língua portuguesa possui muitos homônimos (a palavra “manga” é um exemplo de homônimo: ela tanto pode significar o nome de uma fruta quanto a parte de uma peça de vestuário).

A construção gramatical da língua de sinais é baseada em regras próprias. Assim, devemos tomar cuidado com as traduções literais, porque nem todas as palavras na língua portuguesa possuem sinal específico. Nestes casos, podemos optar pela construção de uma frase para explicar o significado cuja palavra não possui sinal correspondente.

Observação

Este dicionário pode ser consultado por todos os públicos. Vale notar que algumas de suas expressões são de conteúdo adulto. Nesses casos, os verbetes e suas respectivas ilustrações são apresentados de forma apenas didática, sem comprometer, porém, seu entendimento.

Em casos de homônimos perfeitos – palavras que possuem a mesma pronúncia e escrita, mas que apresentam significados diferentes – leitor deve observar tanto o texto que descreve o significado do verbete quanto sua ilustração, para a correta compreensão do sinal apresentado.

Os recortes apresentados são marcados pela noção de que a Libras é um *sistema gestual, um sistema de linguagem eficiente, uma língua gestual*; de que *os sinais são compostos por gestos, um idioma gestual* como já mencionado no discurso presente na capa do dicionário. Ao mesmo tempo, é dito que *esse sistema visual se desenvolveu até ser reconhecido como língua de sinais*, observa-se *língua de sinais* e não *língua*. Que *assim como as demais línguas, possui estrutura gramatical* e que *os sinais são como as palavras*.

Tais dizeres despertam várias questões: a Libras é uma língua, um sistema gestual ou uma linguagem? Os sinais se equivalem a gestos ou palavras? Dessa maneira, foram encontrados discursos outros ressoando que colocam em dúvida o *status* de língua da Libras, o que remete a fala de Gesser (2009, p. 09):

Ainda é preciso afirmar que LIBRAS é uma língua? Essa pergunta me faz pensar: na década de 1960, foi conferido língua de sinais o status linguístico, e, ainda hoje, mais de quarenta anos passados, continuamos a afirmar e reafirmar essa legitimidade. A sensação é mesmo a de um discurso repetitivo.

Prastes (2020) explicita que as pesquisas linguísticas no Brasil sobre a Libras, iniciaram nos anos 1980 com os trabalhos Lucinda Ferreira Brito, Tanya Felipe, Lodernir Karnopp, Ronice Quadros entre outros. Foram essas pesquisas que acarretaram a valorização e o reconhecimento da Libras enquanto língua. É importante lembrar que não estamos aqui para julgar o posicionamento do lexicógrafo, isso não nos cabe, nosso intuito é trazer esses dizeres para compreender como tais dizeres são postos num instrumento linguístico sobre a Libras, assim como nos traz Prastes (2020, p. 51):

As pesquisas reconheceram que a Libras tem uma estrutura própria, uma sistematicidade, regularidades que podem ser descritas. Na perspectiva da HIL, não pensamos que exista uma gramática inerente à língua, mas falaremos sim em instrumentos que descrevem/interpretam esta língua. Trata-se da produção de conhecimento sobre a língua.

Nos recortes também constam a estrutura dos verbetes, constituídos com elementos visuais – fotografias e ilustrações que remetem o significado do sinal, orientações de como realizar o sinal e seu significado em português.

2.2.4 Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – a Libras em suas mãos (2017)

Continuando com os dicionários impressos, o segundo a ser analisado foi o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos* (2017), de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins; encontramos algo semelhante. Esse dicionário é dividido em 3 volumes, no volume 1 encontram-se os verbetes referentes as letras de A até D, no volume 2 de E até O e no volume 3 de P até Z (figura 15).

Figura 15 – Capa dos três volumes do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos, de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins (2017).



Fonte: <https://www.edusp.com.br/livros/dicionario-da-lingua-de-sinais-do-brasil/> Acesso em: 01 de nov. de 2023.

As instruções de manuseio do dicionário, assim como as características do mesmo, se encontram somente no volume 01. Mas na quarta capa (ou contracapa) dos três volumes constam as principais características dos verbetes. Os próximos recortes são a primeira parte dessas instruções de manuseio e o conteúdo da quarta capa dos volumes.

Como usar o dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos

**Fernando C. Capovilla, Janice G. Temoteo, Antonielle C. Martins
(Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo)**

Este dicionário da Língua de Sinais Brasileira (Libras) é fruto de um vasto programa de pesquisas em lexicografia da Libras e cognição de surdos, iniciando 1989 no Laboratório de Neuropsicologia Cognitiva Experimental. Esse programa de pesquisas em lexicografia inspira-se no trabalho pioneiro de Webster (1828), tal como sumariado por Winchester (2003), e compartilha a posição de Urdang (1963) para quem a lexicografia é disciplina independente e autônoma, pragmática, objetiva, aplicada e útil; um campo em seu próprio

direito que, embora possa servir-se de diferentes teorias da Linguística e de outras áreas, jamais precisará sujeitar-se aos limites e restrições impostos por qualquer uma delas.

Este dicionário representa o desdobramento de uma série de obras anteriores, como o *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas* (Capovilla, Raphael & Maurício, 2012^a, 20012b), o *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira* (Capovilla & Raphael, 2006b, 2006c), a *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*, volume 1, 2, 3, 4 e 8 (Capovilla & Raphael, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2005c), e o *Manual ilustrado de sinais e sistemas de comunicação em rede para surdos* (Capovilla, Raphael & Maurício, 1998), dentre outros. Esta apresentação faz uso da terminologia proposta por Capovilla (2011b, 2011e, 2012).

O *Dic Brasil* constitui obra de referência de importância crucial para a comunidade surda brasileira, que é de mais de 10 milhões de habitantes. De fato, segundo o *Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, naquele ano o Brasil tinha 190.755.799 habitantes, dos quais 9.722.163 tinham algum tipo de perda auditiva. Desses, 7.574.797 tinham alguma dificuldade de audição, 1.799.855 tinham grande dificuldade de audição, e 374.481 não conseguiam ouvir de modo algum.

ESTE DICIONÁRIO documenta mais de 14 mil sinais de Libras em entradas lexicais individuais, cada qual contendo de dez a doze dos seguintes elementos:

1 Os **verbetes em Português e Inglês** correspondentes ao sinal, que, além de indexar alfabeticamente os sinais nas entradas, estabelecem correspondências entre Libras, Português e Inglês.

2 A **definição do significado do sinal** e dos verbetes em Português e Inglês, que permite aumentar o conhecimento de mundo, de Libras, Português e Inglês.

3 De uma a cinco **ilustrações da forma do sinal**, em sua composição sublexical precisa, com o uso de setas e em estágios, permitindo melhor compreender a sequência temporal das unidades sublexicais que compõem o sinal.

4 A **descrição detalhada e sistemática da forma do sinal** (composição sublexical), que, juntamente com a ilustração, permite reproduzir fielmente cada sinal de Libras.

5 De uma a cinco **ilustrações do significado do sinal** e dos verbetes a ele associados em Português e Inglês, que permitem apreender diretamente o sentido do sinal sem depender do Português e aumentar a compreensão de vocabulário das três línguas.

6 Alguns **exemplos ilustrativos do uso funcional apropriado do verbete em frases**, que permitem ao surdo usar corretamente as palavras do Português correspondentes aos sinais de sua língua e, ao ouvinte, usar corretamente os sinais de Libras correspondentes às palavras de sua língua.

7 A **especificação do escopo de validade geográfica do sinal** em termos dos estados brasileiros em que esse sinal é empregado corretamente.

8 A **descrição da etimologia do sinal**, pela análise dos morfemas que compõem sua estrutura, e uma breve análise do parentesco semântico entre o sinal e os outros sinais que compartilham alguns de seus morfemas moleculares.

9 A **descrição da iconicidade do sinal**, que permite a apreensão do significado de modo fenomenologicamente imediato, ao mostrar como o sinal materializa, no espaço, esse significado.

10 A **escrita visual direta do sinal** em *SignWriting*, que sinaliza diretamente à mente do surdo, assim como a escrita alfabética fala diretamente à mente do ouvinte, e permite ao consulente concentrar-se nos traços distintivos que possibilitam diferenciar sinais semelhantes.

11 A **soletração digital em Libras do verbete** por meio da fonte Capovilla-Raphael, permitindo à criança surda analisar a composição das palavras escritas e converter letras em formas de mão, para, assim, apreender a composição das palavras novas e lograr leitura e escrita mais precisas e proficientes.

12 A **classificação gramatical do verbete** em Português, que permite ao surdo compreender o comportamento das palavras do Português e aprender a usá-las adequadamente.

No primeiro recorte os autores fazem um histórico de suas obras que antecederam a esta. Essas colocações geram para quem está consultando a obra uma certa confiabilidade no dicionário, uma valorização da obra, de que ela seja uma referência para a área; sustentando o imaginário de completude, o imaginário de que esse dicionário contempla todos os sinais da Libras. No segundo recorte, se tem as características presentes nos verbetes. Os autores listam 12 elementos, dos quais no mínimo 10 estão presentes em cada verbete.

2.3 ANÁLISES DOS VERBETES

2.3.1 Verbetes **MANDADO, MANDAMENTOS, MANDAR e MANDAR-ME**

Os primeiros verbetes analisados foram MANDAMENTOS e MANDAR. Começando pelos dicionários online, o primeiro foi o Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011), por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza. A figura 16 a seguir mostra como o verbete para o sinal MANDAMENTOS está posto neste dicionário.

Figura 16 – Tela do verbete MANDAMENTOS presente no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011).

The screenshot shows the 'LIBRAS' dictionary interface. At the top, it says 'Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011'. Below this is a search bar with options for 'Palavra', 'Exemplo', 'Acepção', and 'Assunto'. The 'Palavra' option is selected. The search results show a list of words: MAMÍFERO, MANAUS, MANCAR, MANCHA, MANDAMENTOS (highlighted), and MANDAR. To the right of the list is a video showing a hand sign for 'MANDAMENTOS'. Below the list are sections for 'Assuntos' (NENHUM), 'Acepção' (Os preceitos religiosos que constituem o Decálogo.), 'Exemplo' (É bom você conhecer os 10 mandamentos!), 'Exemplo Libras' (BO@ VOCÊ CONHECER 10 MANDAMENTO!), 'Classe Gramatical' (SUBSTANTIVO), 'Origem' (nacional), and 'Imagem' (MANDAMENTOS with a logo). At the bottom, there is a logo for 'Acessibilidade Brasil' and links for 'créditos' and 'libras em cd'.

Fonte: Disponível em http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/ Acesso em: 18 de mar. de 2022.

Ao analisar o verbete, tem-se a palavra MANDAMENTOS selecionada, é um verbete pertencente ao grupo de assuntos denominado NENHUM, a CM correspondente ao sinal, ao lado está o vídeo demonstrando a sinalização (este se repete constantemente), a acepção em Língua Portuguesa, um exemplo também na Língua Portuguesa, o mesmo exemplo em Libras, a classe gramatical segue baseada na Língua Portuguesa, a origem é nacional e não apresenta uma imagem fixa. Vejamos o modo de definição do verbete:

Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011)

MANDAMENTOS: Os preceitos religiosos que constituem o Decálogo. Ex.: É bom você conhecer os 10 mandamentos! Ex. Libras: BO@ VOCÊ CONHECER 10 MANDAMENTO! Classe gramatical: substantivo. Origem: nacional.

Chama a atenção este verbete apresentar em sua acepção e exemplo apenas um sentido para MANDAMENTO, o religioso. E ao se deparar com “o Decálogo”, a pergunta seria: qual Decálogo? O Cristão, e isso é totalmente naturalizado, o discurso bíblico, o texto de referência dos cristãos, um discurso evangelizador e de uma religião. Porém, o sinal apresentado no vídeo, não é expresso restritamente no sentido religioso pela comunidade surda. Tanto que

no verbete seguinte, do sinal MANDAR, o vídeo se repete apresentando o mesmo sinal e a sua acepção e exemplo são diferentes, conforme a figura 17.

Figura 17 – Tela do verbete MANDAR presente no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011).

The screenshot shows the 'LIBRAS' dictionary interface. At the top, it says 'Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011'. Below this is a search bar with options for 'Palavra', 'Exemplo', 'Acepção', and 'Assunto'. The 'Palavra' option is selected. There are fields for 'Palavra:' and 'N°:'. To the right, there are sorting options: 'Alfabética', 'Por assunto', and 'Mão'. Below the search bar, there are four columns: 'Assuntos' (containing 'NENHUM'), 'Palavras' (containing a list of words with 'MANDAR' highlighted), 'Mão' (containing a hand sign image), and 'Vídeo' (containing a video thumbnail). Below these columns, there are four more sections: 'Acepção' (containing the definition: 'Ordenar; determinar; exigir que algo seja feito.'), 'Exemplo' (containing the sentence: 'A mamãe mandou acabar a brincadeira e ir dormir.'), 'Exemplo Libras' (containing the sign sequence: 'M-Ã-E MANDAR BRINCADEIRA ACABAR IR DORMIR.'), and 'Imagem' (containing a small icon labeled 'MANDAR'). At the bottom, there is a footer with the 'Acessibilidade Brasil' logo and website, and links for 'créditos' and 'libras em cd'.

Fonte: Disponível em http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/ Acesso em: 18 de mar. de 2022.

Observando mais de perto o verbete tem-se:

Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011)

MANDAR: Ordenar; determinar; exigir que algo seja feito. Ex.: A mamãe mandou acabar a brincadeira e ir dormir. Ex. Libras: M-Ã-E MANDAR BRINCADEIRA ACABAR IR DORMIR. Classe gramatical: verbo. Origem: nacional.

Nesse verbete foi observado que diferentes sinônimos são apresentados para o sinal MANDAR; julgamos então que outros sentidos no verbete de MANDAMENTOS poderiam ter sido atribuídos, mas não foram. Dizendo de outra maneira, foi uma escolha dos lexicógrafos apresentar o sinal de MANDAMENTOS apenas no sentido religioso; dito com outras palavras ainda, esse verbete se materializa por um funcionamento discursivo ancorado em sentidos hegemônicos. O sentido se apresenta como sendo o único possível,

como podendo ser somente aquele, mas ele pode ser outros. Isso é o funcionamento da ideologia, que produz essa ilusão de que o sentido é único.

A escolha por uma definição religiosa partindo dos lexicógrafos não se dá de forma consciente, a ideologia incide nesse processo. É interessante pensar aqui, no efeito de univocidade do sentido e na hegemonia do sentido religioso cristão em “mandamentos” – escolher uma palavra por outra implica uma relação de forças e de poder, bem como denuncia o funcionamento das formações ideológicas e discursivas que constituem dadas posições dos sujeitos-lexicógrafos neste caso.

Até pelo exemplo apresentado: “É bom você conhecer os 10 mandamentos!”, é um discurso enunciado de uma determinada posição, da posição de um cristão, e de um cristão que faz proselitismo, aquele que quer convencer o outro a aderir à sua crença. Pêcheux (2008 [1938-1983], p. 34), formula sobre essa necessidade de “mundo semanticamente normal”, normatizado, partindo das relações de cada sujeito com a sua realidade imediata.

O sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, os “simples particulares” face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica: isto se marca pela multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência (por exemplo, em nossa civilização, o porta-notas, as chaves, a agenda, os papéis, etc) até as “grandes decisões” da vida social e afetiva (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y, etc...) passando por todo o contexto sócio-técnico dos “aparelhos domésticos” (isto é, a série dos objetos que adquirimos e que aprendemos a fazer funcionar, que jogamos e que perdemos, que quebramos, que consertamos e que substituímos) ... (Pêcheux, 2008 [1938-1983], p. 33).

Como dito anteriormente, neste dicionário as informações são dadas em Língua Portuguesa, explicitando, assim, uma prioridade desta em relação à Libras, o que nos remete ao discurso que se encontra na Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. No parágrafo único do seu Art. 4º consta o seguinte: “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. Foi observado que os lexicógrafos apresentam somente o vídeo demonstrando o sinal e a transcrição do exemplo para a estrutura sintática da Libras, na forma escrita. A seguir, os exemplos referentes aos sinais MANDAMENTOS e MANDAR:

<i>Sinal/Entrada</i>	<i>Língua Portuguesa</i>	<i>Libras</i>
MANDAMENTOS	É bom você conhecer os 10 mandamentos!	BO@ VOCÊ CONHECER 10 MANDAMENTO!
MANDAR	A mamãe mandou acabar a brincadeira e ir dormir.	M-Ã-E MANDAR BRINCADEIRA ACABAR IR DORMIR.

Com essa transcrição dos exemplos para Libras os lexicógrafos “mostram o modo de formular a frase nessa língua em situação de uso da Libras” (Silva, 2012, p. 250), sendo possível observar algumas diferenças entre a estrutura frasal entre as duas línguas. Seria interessante se também houvesse um vídeo demonstrando como seriam esses exemplos citados sendo sinalizados; os vídeos presentes no dicionário apresentam apenas o sinal isolado sendo realizado, demonstrando o seu movimento, a expressão facial/corporal, mas não apresenta a descrição da forma do sinal.

No segundo dicionário online, o Dicionário de Libras (2017) do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. No presente dicionário, foi encontrado, no tema *Verbos*, o verbete para o verbo MANDAR (figura 18), porém não há um verbete para MANDAMENTOS, seja nos outros temas abordados pelo dicionário, nem mesmo ao utilizar a barra de pesquisa localizada na tela inicial.

Figura 18 – Tela do verbete MANDAR no Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).

Temas > Verbos

MANDAR

Gritar Invejar Ir Jantar Jogar
Jurar Lavar Lembrar Ler Ler Lábios
Levar Limpar Livrar Mandar

Exemplo em português
Sua mãe mandou você ligar para ela.

Exemplo em libras

Pesquisar

Sinalário Temas Configuração de mão Histórico de Acessos

Alimentos Animais e Insetos Comemorações Comunicação e Eletrônicos Construção Cores Corpo Humano Cumprimentos Dinheiro
Disciplina Escola Esporte e Diversão Instrumentos Musicais Lugares, Cidades e Países Meios de Transporte Natureza Números
Objetos Pessoas e Família Profissões Situações, Cotidiano e Eventos Tempo e Calendário Verbos Vestuário

Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

Observando mais de perto temos:

Dicionário de Libras (2017)

MANDAR

Exemplo em português: Sua mãe mandou você ligar para ela.

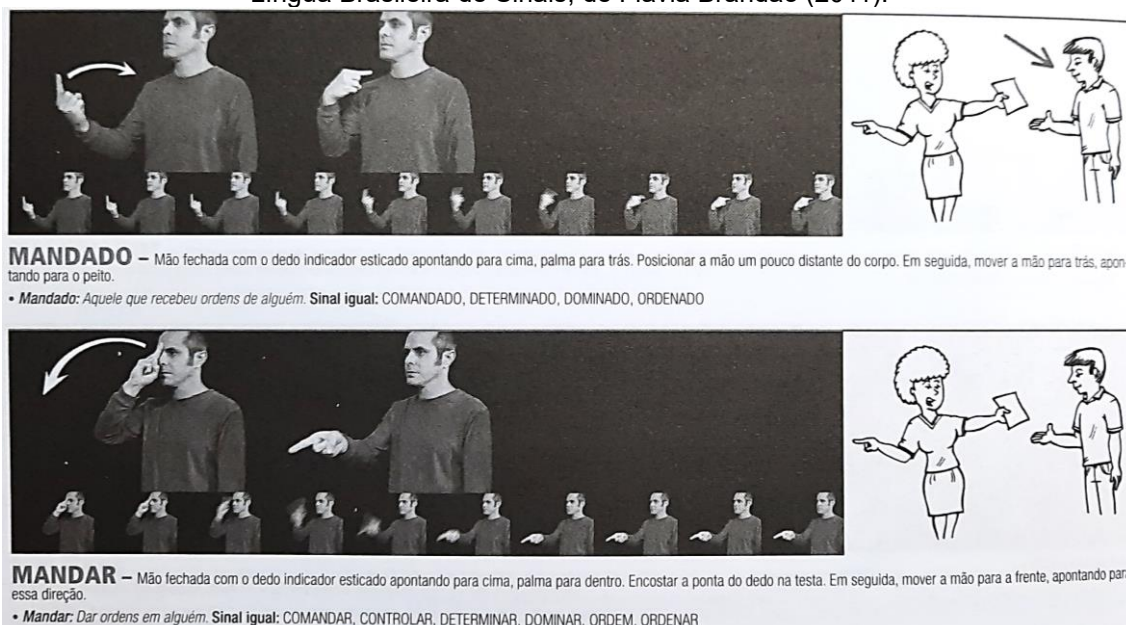
O verbete é constituído com poucas informações. Há um vídeo no qual o sinal MANDAR é demonstrado sendo possível observar as características do sinal várias vezes. Abaixo do vídeo, encontra-se um exemplo de frase com a palavra MANDAR em português. Ao lado, tem uma imagem menor destacando a CM do sinal.

Foi observado que o verbete não traz nenhuma descrição da palavra MANDAR, apenas uma frase de exemplo e em português, no qual traz a posição sujeito (Pêcheux, 1995 [1975]) mãe exercendo autoridade ao mandar o(a) filho(a) ligar para ela. O fato de o verbete apresentar apenas este exemplo causa um estranhamento, uma vez que na descrição do dicionário consta o seguinte:

este software tem sido organizado de modo a **apresentar frases no formato da estrutura sintática da Libras** bem como a busca por configurações de mão a partir do sinalário. No verbete, não foi identificado exemplos de frases na estrutura sintática da Libras, tampouco a transcrição do exemplo fornecido em português. Além disso, não há indicação sobre a região ou regiões onde este sinal específico estaria presente.

Já nos dicionários impressos, começando pelo Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais (2017) de Flávia Brandão, não foi encontrado um verbete para MANDAMENTOS, mas há verbetes para MANDADO e MANDAR conforme a figura 19 a seguir:

Figura 19 – Verbetes MANDADO e MANDAR presentes no Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais, de Flávia Brandão (2011).



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Esses verbetes apresentam a seguinte organização: a imagem maior de uma pessoa fazendo o sinal, esta imagem também apresenta uma seta indicando o movimento necessário para realizar o sinal. Logo abaixo, encontramos uma sequência fotográfica para mostrar como esse sinal é realizado com mais detalhes, como se fosse um vídeo em câmera lenta. Ao lado direito, tem uma ilustração remetendo ao significado daquele sinal.

No final do verbete tem a descrição em português de como o sinal é realizado, logo após a definição do significado também em português e por último

outras palavras que seriam equivalentes, ou seja, o mesmo sinal é realizado para elas. Olhando mais de perto a parte escrita do verbete se tem:

Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011)

MANDADO – Mão fechada com o dedo indicador esticado apontando para cima, palma para trás. Posicionar a mão um pouco distante do corpo. Em seguida, mover a mão para trás, apontando para o peito.

Mandado: Aquele que recebeu ordens de alguém. **Sinal igual:** COMANDADO, DETERMINADO, DOMINADO, ORDENADO.

MANDAR – Mão fechada com o dedo indicador apontando para cima, palma para dentro. Encostar a ponta do dedo na testa. Em seguida, mover a mão para frente, apontando para essa direção.

Mandar: Dar ordens em alguém. **Sinal igual:** COMANDAR, CONTROLAR, DETERMINAR, DOMINAR, ORDEM, ORDENAR.

Na parte escrita do verbete, tem a descrição de como se realiza o sinal através de uma sequência fotográfica seque a estratégia pedagógica mostrando o passo a passo do sinal. Os verbetes não trazem frases, nem na Libras e nem no Português, para exemplificar em que contexto o sinal é enunciado. Também não temos a classificação gramatical da palavra e/ou sinal. É interessante o modo como foi colocado aqui as palavras que têm o mesmo significado, em *Sinal igual*, que são as palavras sinônimas a consultada onde o mesmo sinal é feito para todas elas.

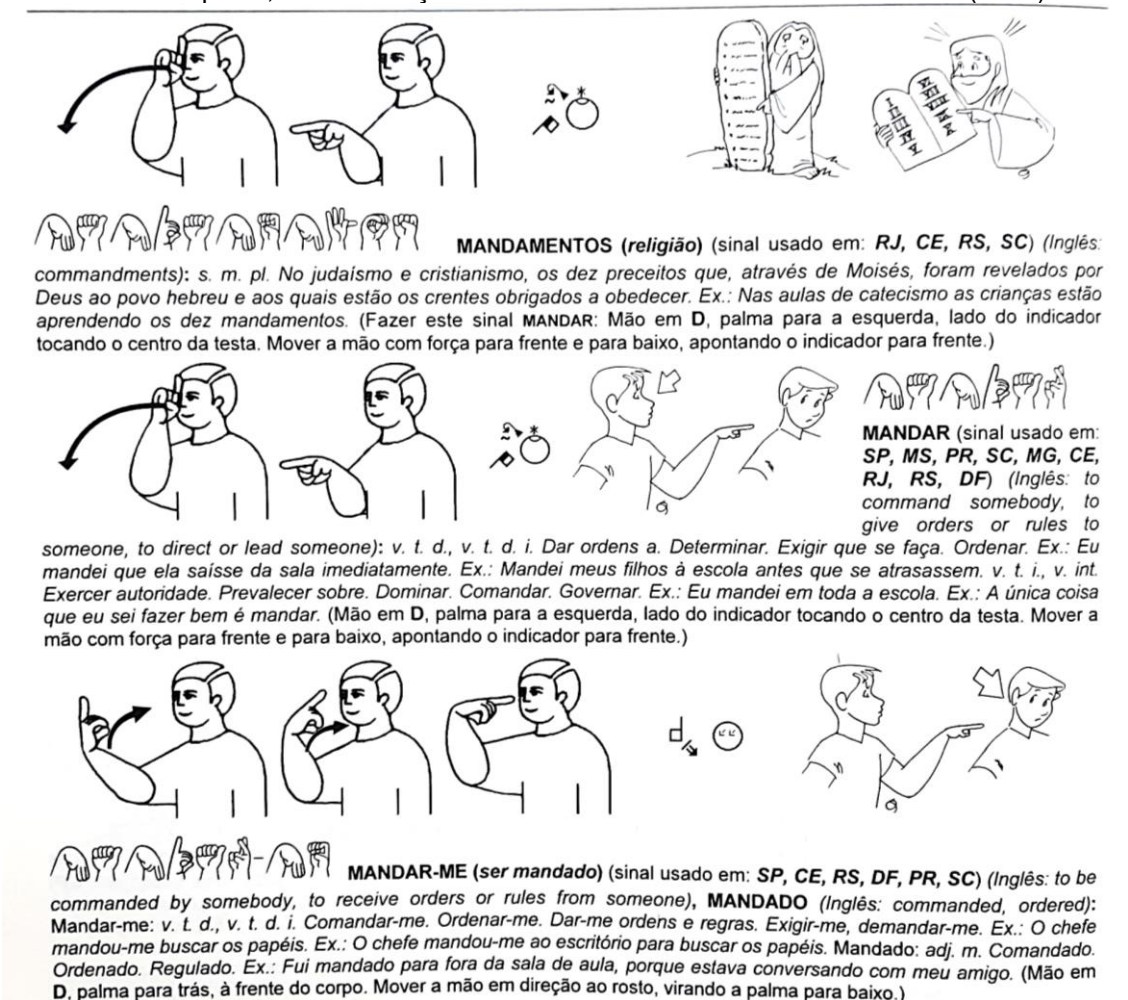
Observa-se que a ilustração para os dois verbetes é o, pois o que vai diferenciar o sinal MANDADO e o sinal MANDAR é a direção do movimento do sinal, o mesmo caso que mencionamos anteriormente para o sinal AVISAR. A ilustração mostra uma moça com um papel na mão o entregando para um rapaz ao mesmo tempo que ela aponta para um lugar, possivelmente para onde o rapaz deva se direcionar com o papel entregue.

O que vai diferenciar uma ilustração da outra é a presença de uma seta na primeira apontando para o rapaz no verbete MANDADO, esse recurso visual auxilia na compreensão do sinal, pois mostra uma situação que contextualiza o sinal. A ilustração do verbete MANDAR, não traz uma seta, dando a entender que a moça que está apontando seja quem está realizando a ordem. Assim, o exemplo de contextualização do sinal fica apenas no visual com as ilustrações,

uma vez que não há frases nem na estrutura gramatical do Português e nem da Libras como ocorre nos demais dicionários.

No segundo dicionário impresso, Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos (2017) de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins; contam verbetes para MANDAMENTOS, MANDAR e MANDAR-ME (figura 20).

Figura 20 – Verbetes MANDAMENTOS, MANDAR e MANDAR-ME presentes no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos, de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins (2017).



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Veja a parte escrita desses verbetes mais de perto:

Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos (2017)

MANDAMENTOS (religião) (sinal usado em: **RJ, CE, RS, SC**) (Inglês: *commandments*); s. m. pl. No judaísmo e cristianismo, os dez preceitos que,

através de Moisés, foram revelados por Deus ao povo hebreu e aos quais estão os crentes obrigados a obedecer. Ex.: Nas aulas de catecismo as crianças estão aprendendo os dez mandamentos. (Fazer este sinal **MANDAR**: Mão em **D**, palma para a esquerda, lado do indicador tocando o centro da testa. Mover a mão com força para frente e para baixo, apontando o indicador para frente.)

MANDAR (sinal usado em **SP, MS, PR, SC, MG, CE, RJ, RS, DF**) (Inglês: to command somebody, to give orders or rules to someone, to direct or lead someone): v. t. d., v. t. i. Dar ordens a. Determinar. Exigir que se faça. Ordenar. Ex.: Eu mandei que ela saísse da sala imediatamente. Ex.: Mandei meus filhos à escola antes que se atrasassem. V.t. i., v. int. Exercer autoridade. Prevaler sobre. Dominar. Comandar. Governar. Ex.: Eu mandei em toda a escola. Ex.: A única coisa que eu sei fazer bem é mandar. (Fazer este sinal **MANDAR**: Mão em **D**, palma para a esquerda, lado do indicador tocando o centro da testa. Mover a mão com força para frente e para baixo, apontando o indicador para frente.)

MANDAR-ME (ser mandado) (sinal usado em: **SP, CE, RS, DF, PR, SC**) (Inglês: to be commanded by somebody, to receive orders or rules from someone), **MANDADO** (Inglês: commanded, ordered): Mandar-me: v. t. d., v. t. d. i. Comandar-me. Ordenar-me. Dar-me ordens e regras. Exigir-me, demandar-me. Ex.: O chefe mandou-me ao escritório para buscar os papéis. Mandado: adj. m. Comandado. Ordenado. Regulado. Ex.: Fui mandado para fora da sala de aula, porque estava conversando com meu amigo. (Mão em **D**, palma para trás, à frente do corpo. Mover a mão em direção ao rosto, virando a palma para baixo.)

Assim que nos deparamos com esses três verbetes podemos observar 10 dos 12 elementos listados anteriormente, no caso, não está presente a descrição da etimologia do sinal e a descrição da iconicidade do sinal. Começando pela parte visual, temos uma ilustração da forma do sinal com setas indicando a direção e o movimento do sinal e esta é sequenciada mostrando a realização do sinal; a soletração através do alfabeto manual, como seria o sinal ao fazer letra por letra com as mãos; a escrita visual direta do sinal *SignWriting* (escrita de sinal); uma ilustração ligada ao significado do sinal.

Agora na parte escrita temos os verbetes do Português e do Inglês; a citação dos estados onde os sinais são empregados, segundo os lexicógrafos; a classificação gramatical em português; frases como exemplo de uso; descrição detalhada de como realizar o sinal. Importante observar que as frases de exemplo estão em português, apesar do dicionário não propor essa transcrição, julgamos ser importante ter esse contato com a estrutura sintática da Libras.

Nos verbetes MANDAMENTOS e MANDAR observamos o que o sinal é o mesmo para ambos; o que também ocorre no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011), então temos a mesma ilustração do sinal, a mesma escrita em *SignWriting* e a mesma descrição detalhada do sinal em português. Agora, as ilustrações ligadas ao significado do sinal são diferentes nos verbetes.

Em MANDAMENTOS, temos uma ilustração referente a Moisés e as tábuas de pedras onde foram escritos os 10 Mandamentos de Deus, retomando aqui esse sentido religioso que segue no decorrer do verbete. Diferente do dicionário online Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011), aqui o discurso religioso não é naturalizado. Ao trazer no começo do verbete “**MANDAMENTOS (religião)** ... No judaísmo e cristianismo, ...” fica explícita a posição do lexicógrafo da definição. Esta é uma grande diferença em relação ao outro dicionário.

Já em MANDAR, tem uma ilustração onde aparecem dois rapazes em que um está apontando o dedo indicador para o outro que apresenta um semblante mais retraído, indicando então a ação de mandar. No verbete MANDAR-ME tem-se a mesma ilustração dos dois rapazes, estratégia visual semelhante ao Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011). Aqui, porém, a presença da seta é observada nos dois verbetes, em MANDAR, a seta está apontada para o rapaz que está mostrando o dedo indicador; e em MANDAR-ME a seta está apontada para o rapaz de semblante retraído, contextualizando visualmente a diferença ligada ao movimento do sinal em cada situação.

Outro ponto que chama a atenção nesse dicionário é a inserção de uma terceira língua, o Inglês. Então o verbete contém: o sinal em Libras pela ilustração, a sua datilologia (palavra soletrada através do alfabeto manual), a sua escrita em *SignWriting*, a palavra em Português e em Inglês. Apesar de trazer a palavra em Inglês, o dicionário não apresenta o sinal equivalente na Língua de Sinais Americana (ASL).

No final dos verbetes, se tem a descrição do sinal em Português. Se trata de uma orientação passo a passo de como realizar o sinal, qual configuração de mão usar, a posição onde inicia o sinal, o movimento necessário e como ele finaliza. Essa descrição atrelada às ilustrações, é uma estratégia pedagógica praticada em aulas de Libras para pessoas ouvintes, para facilitar o aprendizado dos sinais principalmente quando este ouvinte está iniciando seus estudos sobre a Libras.

2.3.2 Verbetes AVISADO, AVISAR, AVISAR-ME e ME AVISAR

Os verbetes analisados que também chamaram a atenção foram ME AVISAR e AVISAR. Isso porque ao percorrer os verbetes da letra M no Dicionário de Libras (2017), da Universidade de Viçosa, foi encontrado o verbete ME AVISAR (figura 21), que chamou a atenção.

Figura 21 – Tela do verbete ME AVISAR no Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).



Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

Observando mais de perto tem-se:

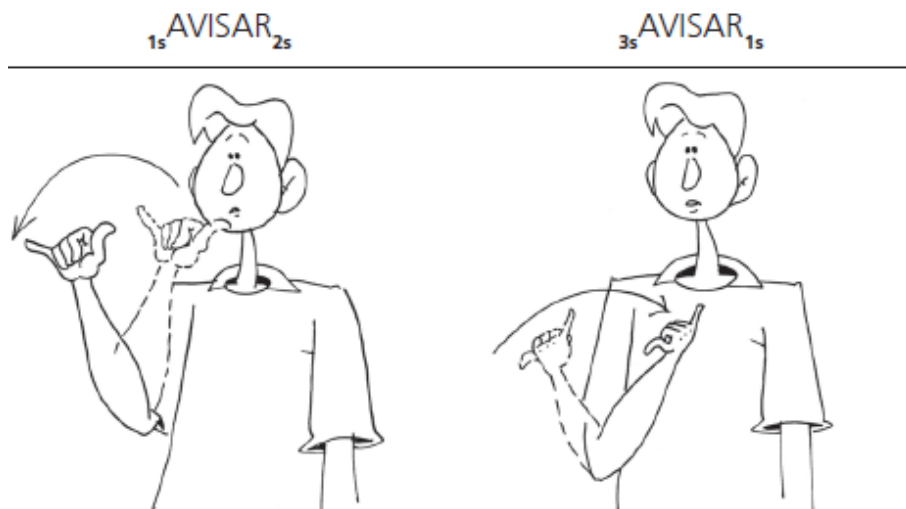
Dicionário de Libras (2017)

ME AVISAR

Exemplo em português: Se alguém chegar, por favor, me avise.

Dentro os estudos gramaticais da Libras, o verbo AVISAR é considerado como um verbo direcional, ou seja, AVISAR é um dos “verbos que possuem marca de concordância. A direção do movimento, marca no ponto inicial o **sujeito** e no final o **objeto**” (Strobel; Fernandes, 1998, p. 21 – grifo das autoras). A figura 22, retirada do livro *Libras em Contexto* de Tanya Amara Felipe e Myrna Sarleno Monteiro (2007), demonstra como é expresso esse direcionamento do verbo AVISAR na Libras.

Figura 22 – Ilustração do verbo AVISAR em Libras no livro *Libras em Contexto* de Tanya Amara Felipe e Myrna Sarleno Monteiro (2007).



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Identifica-se na parte superior da figura a transcrição do verbo AVISAR com a marcação dos pronomes pessoais que vão orientar a direção do movimento do sinal. Está presente a marcação 1s representando a primeira pessoa do singular – *eu*, a marcação 2s representando a segunda pessoa do singular – *você*, e a marcação 3s representando a terceira pessoa do singular – *ele/ela*. Dessa forma, $1sAVISAR_{2s}$ seria no português “eu avisando algo a você” e $3sAVISAR_{1s}$ seria “ele/ela me avisando de algo”.

Com essa explanação sobre como o verbo AVISAR é sinalizado em mente, voltamos a análise do verbete ME AVISAR. O que chama a atenção aqui, é onde esse verbete está situado no dicionário, longe do verbete AVISAR que está presente no dicionário (figura 23), essa distância entre os verbetes e o fato de ambos estarem no mesmo conjunto temático *Verbos*, pode gerar o efeito de que AVISAR e ME AVISAR são verbos diferentes, sendo que a diferença é a direção do movimento no ato da sinalização.

Figura 23 – Tela do verbete AVISAR no Dicionário de Libras, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (2017).



Fonte: Disponível em <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

Observando mais de perto tem-se:

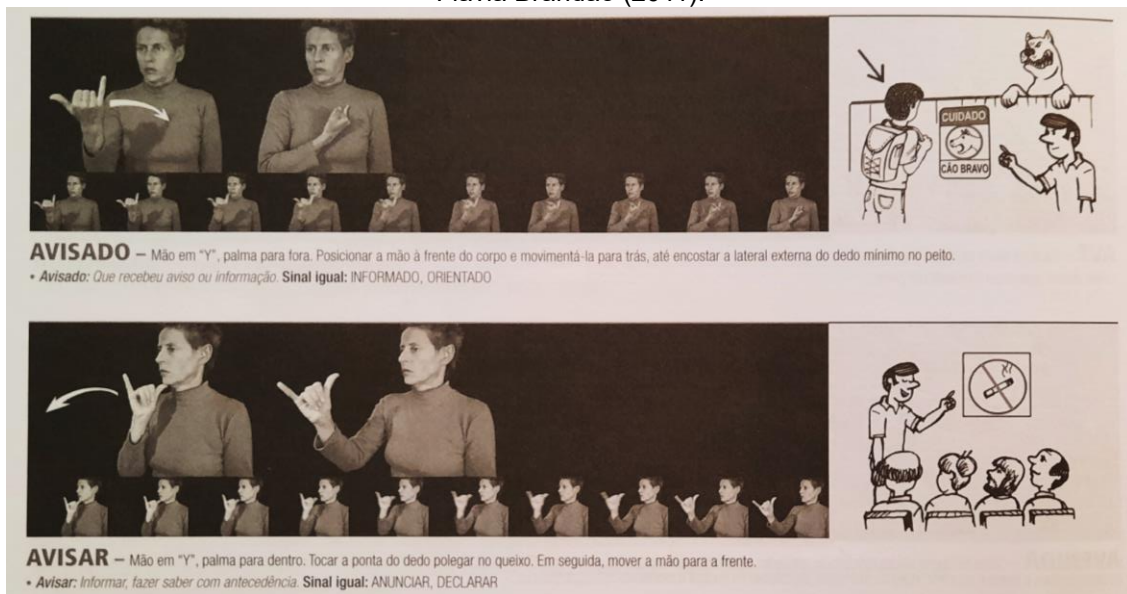
Dicionário de Libras (2017)

AVISAR

Exemplo em português: Pessoal, avisa a todos os alunos que amanhã não haverá aula.

Provavelmente a escolha dos lexicógrafos de produzir dois verbetes distintos para o verbo AVISAR seja para demonstrar essa variação no direcionamento do sinal no ato de sinaliza. A mesma estratégia também foi observada em outros dicionários, mas de maneira diferente, como foi identificado no *Dicionário Ilustrado de Libras – Língua Brasileira de Sinais* (2011), de Flávia Brandão e no *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos* (2017), de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins nas figuras 24 e 25 a seguir:

Figura 24 – Verbetes AVISADO e AVISAR no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais, da Flávia Brandão (2011).



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Observando mais de perto tem-se:

Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011)

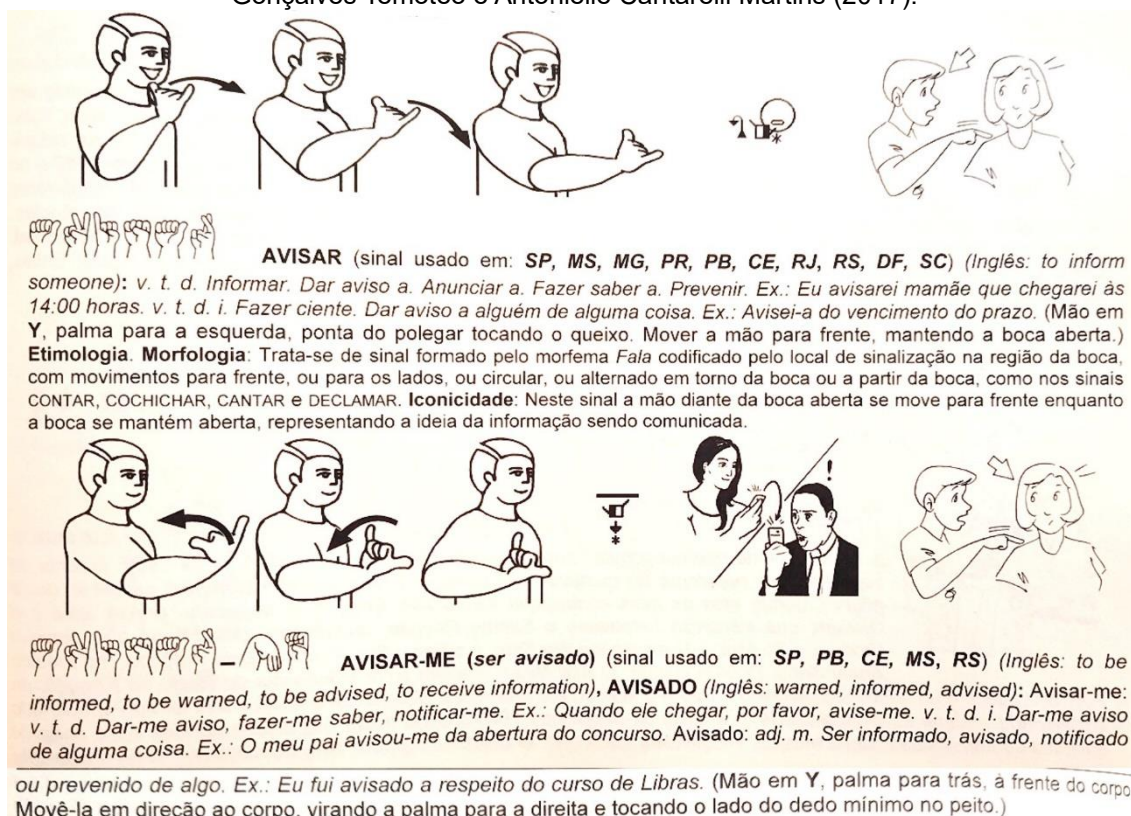
AVISADO – Mão em “Y”, palma para fora. Posicionar a mão à frente do corpo e movimentá-la para trás, até encostar a lateral externa do dedo mínimo no peito.

• **Avisado:** Que recebeu aviso ou informação. **Sinal igual:** INFORMADO, ORIENTADO

AVISAR – Mão em “Y”, palma para dentro. Tocar a ponta do dedo polegar no queixo. Em seguida, mover a mão para frente.

• **Avisar:** Informar, fazer saber com antecedência. **Sinal igual:** ANUNCIAR, DECLARAR

Figura 25 – Verbetes AVISAR e AVISAR-ME no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos, de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins (2017).



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Observando mais de perto tem-se:

Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos (2017)

AVISAR (sinal usado em: **SP, MS, MG, PB, CE, RJ, RS, DF, SC**) (Inglês: *to inform someone*); v. t. d. Informar. Dar aviso a. Anunciar a. Fazer saber a. Prevenir. Ex.: Eu avisarei mamãe que chegarei às 14:00 horas. v. t. d. i. Fazer ciente. Dar aviso a alguém de alguma coisa. EX.: Avisei-a do vencimento do prazo. (Mão em Y, palma para a esquerda, ponta do polegar tocando o queixo. Mover a mão para frente, mantendo a boca aberta.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado pelo morfema *Fala* codificado pelo local de sinalização na região da boca, com movimento para frente, ou para os lados, ou circular, ou alternado em torno da boca ou a partir da boca, como nos sinais CONTAR, COCHICHAR, CANTAR e DECLAMAR. **Iconicidade:** Neste sinal a mão diante da boca aberta se move para frente enquanto a boca se mantém aberta, representando a ideia da informação sendo comunicada.

AVISAR-ME (sinal usado em **SP, PB, CE, MS, RS**) (Inglês: to be informed, to be warned, to be advised, to receive information), **AVISADO** (Inglês: warned, informed, advised): Avisar-me: v. t.d. Dar-me aviso, fazer-me saber, notificarme. EX.: Quando ele chegar, por favor, avise-me. v. t. d. i. Dar-me aviso de alguma coisa. Ex.: O meu pai avisou-me da abertura do concurso. Avisado: adj. m. Ser informado, avisado, notificado ou prevenido de algo. EX.: Eu fui avisado a respeito do curso de Libras. (Mão em Y, palma para trás, a frente do corpo. Movê-la em direção ao corpo, virando a palma para a direita e tocando o dedo mínimo no peito.)

Nesses dicionários, os verbetes estão postos em sequência trazendo essa diferença na direção do movimento do sinal AVISAR. Dessa maneira, o *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais* (2011) tem um verbete para AVISADO e outro em seguida para AVISAR. O *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos* (2017) tem um verbete para AVISAR e em seguida um verbete para AVISAR-ME onde no mesmo também é observado a palavra AVISADO. Já o *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais* por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011) apresenta somente um verbete para AVISAR (figura 26).

Figura 26 – Tela do verbete MANDAR presente no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011).

The screenshot shows the interface of the 'Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011'. At the top, there is a search bar with options for 'Palavra', 'Exemplo', 'Acepção', and 'Assunto'. Below the search bar, there are sections for 'Assuntos', 'Palavras', 'Mão', and 'Vídeo'. The 'Palavras' section lists 'AVISAR' as the selected word. The 'Mão' section shows a hand sign for 'AVISAR'. The 'Vídeo' section shows a person performing the sign. Below these sections, there are fields for 'Acepção', 'Exemplo', 'Exemplo Libras', 'Imagem', 'Classe Gramatical', and 'Origem'. The 'Classe Gramatical' is listed as 'VERBO' and the 'Origem' is 'nacional'. At the bottom, there is a footer with the 'Acessibilidade Brasil' logo and the website URL 'www.acessibilidadebrasil.org.br'.

Fonte: Disponível em http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/. Acesso em: 20 de abr. de 2023.

Observando mais de perto tem-se:

Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011)

AVISAR: Fazer saber; comunicar. Ex.: Favor avisar a eles que não haverá aula amanhã. Ex. Libras: FAVOR 1S AVISAR 3S AMANHÃ AULA NÃO-TER. Classe gramatical: verbo. Origem: nacional.

Nos recortes aqui apresentados é possível observar que nos dois dicionários online, as frases de exemplos foram semelhantes trazendo um discurso mais escolar/acadêmico.

<i>Dicionário</i>	<i>Língua Portuguesa</i>	<i>Libras</i>
Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011)	Favor avisar a eles que não haverá aula amanhã.	FAVOR 1S AVISAR 3S AMANHÃ AULA NÃO-TER
Dicionário de Libras (2017)	Pessoal, avisa a todos os alunos que amanhã não haverá aula.	-

Nos dicionários impressos, observou-se que as frases de exemplos e ilustrações traziam discursos diversos do cotidiano. Os verbetes do *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011)* contam com uma ilustração de dois rapazes, onde um avisa ao outro sobre haver ali um cachorro perigoso e uma outra ilustração de um local onde há uma pessoa em pé apontando para um cartaz que é um aviso proibindo o uso de cigarro naquele ambiente e há também outras pessoas sentadas observando o gesto do rapaz em pé diante deles.

Os verbetes do *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas Mãos (2017)* contam com a mesma ilustração principal de um rapaz cutucando o ombro de uma moça, com a diferença das setas, onde no primeiro verbete é direcionada ao rapaz e no segundo é direcionada à moça, seguindo a mesma estratégia observada nos verbetes MANDAR e MANDAR-ME deste dicionário (figura 20). Consta também somente no verbete AVISAR-ME uma ilustração adicional com uma moça e um rapaz onde ambos estão com um celular nas mãos, dando a entender que a moça está mandando uma mensagem ao rapaz, supostamente um aviso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo ao desenvolver este estudo é de compreender a constituição dos instrumentos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais – Libras à luz dos pressupostos da História das Ideias Linguísticas em articulação com a Análise de Discurso Materialista. Para tal, foram analisados quatro dicionários de Libras.

As análises realizadas sugerem que os instrumentos linguísticos da Libras possuem uma materialidade específica que os distingue dos dicionários de línguas orais. Estes instrumentos recorrem a recursos visuais, como fotografias, ilustrações e vídeos. Esses recursos se revelaram fundamentais devido à natureza espaço-visual da língua, com destaque para os vídeos, que registram com maior precisão a estrutura gramatical dessa língua.

Uma HIL pensada e construída a partir de línguas espaço-visuais talvez tomasse outro rumo de gramatização daquele pensado por Auroux (2014) e, quem sabe, não seja exatamente isso o que estamos presenciando? Na língua de sinais, a revolução tecnológica, diferentemente do que é proposto por Auroux (2014), não se dá pela escrita (HamNoSys, SW, ELiS, SEL ou VisoGrafia), mas sim pelo surgimento da tecnologia de mídia através dos vídeos que permitem a divulgação das línguas de sinais e conseguem captar e transmitir toda sua tridimensionalidade. Concordamos com Jesus e Faria (2017) que o surgimento de novas tecnologias traz peculiaridades ao processo de instrumentalização da Libras sugerindo mudanças no quadro definido por Auroux (2014). (Perse, 2020, p. 222).

Outro ponto importante observado é que, mesmo os dicionários sendo intitulados como Dicionário da Língua Brasileira de Sinais, há uma predominância da Língua Portuguesa sobre a Libras em seus verbetes, havendo até a presença do Inglês em alguns deles. Isso ocorre porque grande parte das informações contidas nesses dicionários foi organizada com base no conhecimento linguístico da Língua Portuguesa. Assim, há uma escassez de informações gramaticais sobre a Libras na própria língua de sinais.

Esses dicionários, portanto, parecem estar mais direcionados para as pessoas ouvintes, embora os autores afirmem que também são destinados às pessoas surdas. Isso ocorre devido à falta de informações gramaticais em Libras, o que dificulta que os surdos compreendam plenamente os conhecimentos apresentados sobre sua própria língua. Poucos surdos têm um bom domínio da

Língua Portuguesa, o que significa que nem todo o conteúdo presente nos verbetes é acessível para eles.

Foi também identificado que esses dicionários adotam um discurso pedagógico, focando na correlação entre sinal e palavra. Em outras palavras, há uma preocupação em ensinar um sinal específico e sua palavra correspondente em português. Isso se torna evidente na estrutura do verbete, onde os dicionários online geralmente incluem um vídeo mostrando o sinal isolado e exemplos de frases em português. Em alguns casos, a transcrição desse exemplo em Libras é fornecida na forma escrita, ao invés de um vídeo adicional mostrando a frase sendo sinalizada.

Nos dicionários impressos, o foco no sinal é evidente pela sequência de imagens, seja por fotografias ou ilustrações, mostrando o passo a passo do sinal, acompanhado da descrição dos movimentos escrita em português. Além disso, geralmente há uma ilustração que retrata uma situação relacionada ao sinal consultado. Partindo desse conjunto de recursos postos nos verbetes concordamos com Silva (2012, p. 259) ao dizer que:

As análises nos permitiram mostrar também uma busca pela completude: ilustrações do sinal, alfabeto datilológico, desenhos ou fotografias, exemplos, acréscimo de informações sobre a etimologia da língua de sinais, configuração de mão, definições, um certo número sempre destacado dos sinais inclusos em cada obra criam a imagem de um dicionário cada vez mais completo, o efeito da completude da representação da língua.

Retomamos aqui o termo “composição material” na definição do verbete para destacar que cada materialidade, a ilustração do significado do sinal, a ilustração da forma do sinal, o vídeo, a descrição do sinal (o texto escrito), a escrita da língua de sinais (SignWriting), as configurações de mão, não funciona sozinha, mesmo que cada uma apresente sua especificidade; elas se relacionam para produzir o efeito de completude do sinal/verbeta.

Acompanhar o desenvolvimento dos instrumentos linguísticos da Língua de Sinais do Brasil nos permitiu compreender o processo de legitimação dessa língua no país. À medida que a Libras é legitimada por meio de estudos científicos, os conhecimentos produzidos são institucionalizados através da criação de dicionários, gramáticas, manuais, leis e decretos.

Refletir sobre a elaboração de dicionários da Libras nos permitiu perceber que esses instrumentos linguísticos desempenham um papel fundamental na compreensão do processo de gramatização da Libras.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1992] 2014.

_____. **A filosofia da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp. 1998a.

_____. Língua e Hiperlíngua, Línguas e Instrumentos Lingüísticos, 1. Campinas: Pontes/Programa HIL, p. 17-30. 1998b.

BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Aspectos da gramatização da Libras: acontecimentos linguísticos e políticos. In: CAVALHEIRO, Juciane; JESUS, Carlos Renato R.; JUSTINIANO, Jeiviane (orgs.). **Abralin em Cena Amazonas: Anais**. Manaus: UEA Edições, 2014. ISBN: 978- 85-7883-280-3.

_____. Como uma língua de sinais é gramatizada? Reflexões acerca da Libras. In: COLAÇA, Joyce Palha; FARIA Michel Marques de; COSTA, Thaís de Araujo da (orgs.). **Educação linguística e(m) (dis)curso: arquivos de saberes linguísticos e pedagógicos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

BRANDÃO, Flávia. **Dicionário ilustrado de Libras**. São Paulo: Global, 2011.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 18 de mar. de 2022.

CAPOVILA, Fernando César. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

COLLINOT, André; MAZIÈRE, Francine. **Un prêt à parler: le dictionnaire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

COSTA, Greice Kelly Nascimento Santos. **O sujeito-aluno-surdo e os modos de individuação pelo estado no Enem**. 80 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras, Núcleo de Ciências Humanas, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2021.

COSTA, Thaís de Araujo da. Alguns apontamentos para uma história da HIL na França e no Brasil. In: **Línguas e instrumentos linguísticos**. Nº 44 – jul-dez 2019. p. 09-34.

FERREIRA, Ana Claudia Fernandes. A análise de discurso e a constituição de uma História das Ideias Linguísticas do Brasil. In: **Fragmentum**, [S. l.], n. ESPEC, 2018. p. 17–47. DOI: 10.5902/2179219436580. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36580>. Acesso em: 05 de abr. de 2021.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna Sarleno. *Libras em Contexto*. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. Livro do Professor. Disponível em:

http://librasemcontexto.org/Livro_Professor/Professor_MEC2007.pdf. Acesso em: 15 de dez. de 2013.

FREITAS, Ronaldo Adriano de. **Instrumentação linguística em rede: Análise discursiva de dicionários online**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccinelli. Identidade Linguística. *In*: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccinelli. (orgs). **Língua e cidadania – o português no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1996. p. 09-15.

JESUS, Enézia de Cassia de; FARIA, Núbia Rabelo Bakker. A gramatização de uma língua: o caso de Libras. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 58, p. 92-106, jan./jun. 2017. ISSN: 2317-9945. DOI: 10.28998/2317-9945.2017v1n58p92-106. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4886>. Acesso em: 08 de out. de 2020.

LIRA, Guilherme Azumbuja; SOUZA, Tanya Amara Felipe de. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais. *Acessibilidade Brasil*, Versão 3, 2011. Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/. Acesso em: 18 de mar. de 2022.

MACHADO, Vanessa Lima Vidal; WEININGER; Markus Johannes. AS variantes da Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Transversal – Revista em Tradução**, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 41-65, 2018. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38106/1/2018_art_vlvmachadojweininge_r.pdf. Acesso em: 30 de out. de 2023.

MARIANI, Bethania *et al.* Entre-línguas brasileiras: Libras na política de divulgação do conhecimento. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 24, n. 3, jul.-set. 2021. p. 530-553. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/download/19904/13603>. Acesso em: 20 de out. de 2021.

NUNES, José Horta. Discurso e instrumentos lingüísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários. 1996. 266 p. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270697>. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. **Dicionários no Brasil: análise e história.** Campinas: Pontes, 2006.

_____. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras**, Taguatinga, DF, v. 3, n. 1/2, Ano III, dez. 2010. p. 06-21. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/1981>. Acesso em: 10 de fev. de 2021.

_____. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias lingüísticas. **Letras**, [S. l.], n. 37, 2008. p. 107–124. DOI: 10.5902/2176148511982. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11982>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A língua imaginária e a lingual fluida: dos métodos de trabalho com a linguagem”. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Políticas lingüísticas na América Latina.** Campinas, Pontes, 1988.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 13. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

_____. (org.). **História das Ideias Lingüísticas – Construção do Saber Metalingüístico e Construção da Língua Nacional.** Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

_____. Lexicografia discursiva. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 44, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4201>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. **Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das ideias no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2008.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução: Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995 [1975].

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução a obra de Michael Pêcheux.** Tradução: Bethania S. Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

PERSE, Elissandra Lourenço. **Memória e sentidos na institucionalização e disciplinarização da língua de sinais em cursos de Letras-Libras**. 2020. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

PETRI, Verli. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. **Língua e instrumentos linguísticos**, Campinas: RG Editora, n. 29, jan./jun. 2012. p. 23-37. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao29/artigo2.pdf>. Acesso em:

PFEIFFER, Claudia Castellanos; SILVA, Mariza Vieira da. Estado, Ciência, Sociedade. Por entre línguas e teorias. **Letras**, [S. l.], n. 48, p. 87–113, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/14426>. Acesso em: 4 abr. 2023.

PRATES, Magno Prado Gama. **Política linguística**: análise discursiva da legislação como instrumento do político para o sujeito surdo. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras, Núcleo de Ciências Humanas, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2020.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2020. (Linguística para o ensino superior Livro 5). Edição do Kindle.

SILVA, Nilce Maria. **Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais**: constituição e formulação. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. Aspectos Linguísticos da Libras. Secretaria de Estado da Educação / Superintendência de Educação / Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998. Disponível em: http://www.cultura-sorda.eu/resources/Aspectos_linguisticos_LIBRAS.pdf. Acesso em: 21 de maio de 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Dicionário de Libras**. Viçosa, 2017. Disponível em: <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/#>. Acesso em: 20 de abr. de 2023.